

SUMMARIO

Chronica	Olavo Bilac. X
A Bordo	Julião Furtado.
A Duse	Escragnole Doria.
O Velho Sumares	Virgilio Varzea.
Indios Guarany	
O Naufragio de Flora	Manoel de Sousa Pinto
A Estatua de Hero (soneto)	Olegario Marianno
Paizagens	Gonzaga Duque.
Uma Estatua	Celso Vieira.
Patriachas Invisiveis	Mario Behring.
Eterna (soneto)	Mario Pederneiras.
O Pintor das Virgens	Americo Fluminense.
Por Darwin	Fritz Müller.
Burytisaes	Henrique Silva.
Projecto de Arco Commemorativo da Abertura dos Portos do Brazil	



Malagutti

KOSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. 20\$000 EXTERIOR. 25\$000
NUMERO AVULSO 25000 — ATRAZADO 3\$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

ANNO IV

JUNHO 1907

N. 6

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

CHRONICA



PARA abrir esta chronica da *Kosmos*, tinha eu preparado uma ode ao Frio, uma ode parnasiana em que seriam celebrados todos os encantos do Inverno, todos os encantos de Junho. E fallariamos aqui da belleza estranha e delicada que o Inverno dá a tudo: — a propria Natureza, como moça bonita que é, tirando proveito, para a sua faceirice, das capas de neblinas com que se cobre; o verde suave das collinas ficando mais lindo, numa meia tinta delicada, dentro dos nevoeiros; a agua dos rios cantando mais suavemente, roçada pelo bando errante dos vapores gélidos; as flores ficando mais bellas, sob a chuva do orvalho; — e os olhos femininos arden-do mais, seduzindo-nos mais, como se todo o céu, com medo das nevoas, se viesse refugiar dentro delles...

Mas, aí de mim! tive de rasgar a minha ode, porque o Inverno ainda não appareceu... senão nas folhinhas e nos calendarios. Junho foi um mez escaldado... Fica a ode reservada para melhor occasião!



Como se não nos bastasse o calor desses ardentes e crepitantes festejos dos tres grandes Santos de Junho!

Sempre acreditei na pluralidade dos mundos habitados... Nunca pude conceber que, de tantos planetas que povoam o espaço infinito, sómente esta insignificante e miserabilissima Terra possúa animaes pensantes, dotados de vontade propria, podendo locomover-se, amar, soffrer, brigar, poetar, politicar e sonhar. Seria um privilegio absurdo, um monopolio inexplicavel. Já Anatole France, n'um dia de amargo pessimismo, disse que a humanidade é uma especie de môfo ou de bolor, *de moisissure*, que cobre a crôsta do nosso velho planeta... Mas porque não ha-de haver tambem um môfo pensante, um bolor raciocinante na crôsta de Marte, e da Lua, e de Venus, e de Jupiter? Ha, com certesa...

E se as creaturas que vivem nesses planetas são mais perfeitas do que nós (hypothese que não é absurda, porque nós, apesar de todo o nosso orgulho, estamos muito longe da perfeição), — é de crer que disponham de telescópios muito mais fortes do que os nossos. Vivem talvez a espiar-nos, noite e dia, os marcianos e os selenistas! — a espiarem-nos, e a procurar comprehender a nossa vida ...

Se assim é, que pensarão elles destes nossos festejos de Junho, tão barulhentos e incendiarios? Verão, com espanto, cobrir-se a face da terra de fogueiras e fogaréos, e cruzarem-se jactos fulgurantes de viva luz, derramando lagrimas multicores, e encher-se a nossa atmosphaera de globos voadores de papel... Fogo por toda a parte! Que ideia farão marcianos e selenitas dessa conflagração geral, que lhes parecerá talvez uma guerra periodica, ou a periodica celebração de algum culto barbaro?

Eu, que vivo na Terra ha mais de quarenta annos, ainda não comprehendi a significação destes inflammados festejos de Santo Antonio, São João e S. Pedro...

O Fogo tem sido adorado por varios povos em varias épocas da civilisação humana. Já lhe prestavam culto os Persas e os Gregos, e ainda hoje a Egreja Catholica o venera, na cerimonia da bençam do "fogo novo", na manhã do sabbado da alleluia. Mas que relação tem com esse velho rito o Baptista João, o Casamenteiro Antonio e o Pregador Pedro?

Ainda se comprehende o emprego do barulho e do fulgor das bombas e dos foguetes para festejar S. João...

Este Santo, que, na iconographia christan, figura erroneamente com o aspecto de um lindo e pacifico adolescente de meigo olhar e sorriso doce, ao lado de um manso cordeiro, — foi de facto um selvagem e violento anachoreta, sujo e intonso, sempre com a bocca cheia de imprecações colericas, propheta terrivel que fugia o convívio dos homens, habituado a residir com as feras em lapas alpestres, e gritando tanto que abalava com a sua vociferação cidades, montanhas e desertos. Era um homem disposto a levar tudo "a ferro e fogo." Nunca

lhe sahiam da bocca palavras doces, de piedade e carinho; quando prégava, era para amaldiçoar; com os seus sermões poderiamos organizar um vastissimo "Diccionario da Injuria": só fallava em *raça de víboras, poços de iniquidade, abysmos de luxuria, e monturos de vicios*. Era, em summa, uma segunda edição augmentada do truculento Elias.

Compreende-se que se festeje um Santo tão barulhento e tão desatinado com estrondos brutaes de dynamite...

Mas não se comprehende que as mesmas retumbantes e ensurdecedoras homenagens sejam prestadas a Santo Antonio e a São Pedro.

Santo Antonio, o Lisboaeta, foi um estudioso, um calmo, que compunha com attento vagar os seus sermões, recheiando-os de subtilezas escolasticas e de periphrases capciosas: não era amigo de bombas nem de rojões, gostava mais de suspiros e queixumes. Quanto a São Pedro, — esse sempre foi um timido: ainda na vespera da tragedia do Calvario, negou tres vezes o Seu Divino Mestre, para não se comprometter perante os phariseus: era um pacato pescador, que pescava a linha e a rede, e nunca a dynamite, como os pescadores de hoje.

Porque, pois, ensurdecer no céu esses dois tranquilllos bemaventurados com o estrepito dos foguetes, das cartas de bichas e das bombas?



Quem póde lá explicar os absurdos da crença? Cada povo festeja os seus Santos como sabe ou como póde. E, afinal sempre é um consolo que nos limitemos a festejar os nossos com fogo e barulho, — em vez de recorrer a sacrificios humanos. Peior seria, se, para agradar aos tres grandes Santos de junho, armassemos fogueiras nas praças publicas, e nellas assassemos, não carás e batatas doces, mas herejes e incréos.

Este anno, mais do que nunca, o Rio de Janeiro se entregou com delirio á folgança pyrotechnica. Na noite que precedeu o

dia de S. João, vi a cidade do alto de Santa Thereza. Era um espectáculo fantastico! Nos pontos mais affastados, nos suburbios, ardiam as fogueiras, avivando de espaço a espaço manchas rubras nas trevas. Sobre o centro urbano esfusiavam de instante a instante as gyrandolas, chorando lagrimas de fogo: era uma chuva de opalas, de rubis, de esmeraldas, de topazios.. E os balões chamejantes enchiam o céu, indo e vindo, subindo e descendo, —estrellas artificiaes, querendo competir em brilho— as pretenciosas!— com as verdadeiras...

E' que, este anno, a Prefeitura foi de uma tolerancia completa, deixando adormecidas as posturas que prohibem os "fogos do ar".

E creio que nenhuma desgraça se originou dessa tolerancia. Creio que não houve um só incendio causado pelo divertimento...

Os negociantes fallidos, quando querem atear fogo nas lojas, não precisam contar com o auxilio dos balões de S. João. Incendeiam-nas em qualquer época do

anno, e ficam sempre livres da cadeia, sem necessitar, para isso, da protecção e da cumplicidade do Baptista, do Casamenteiro e do Porteiro do Céu.



Lembra-me agora que a Chronica não registrou a presença da divina Duse no Rio de Janeiro... Mas a Duse merece toda uma chronica, cheia inteiramente d'ella, e do seu nome, e do fulgor do seu genio, e da sua gloria.

Não a misturemos, na mesma pagina, com os balões e os pistolões de Santo Antonio, de S. João e de S. Pedro. A sua chronica será tambem uma chronica inspirada pelo Fogo,—mas por esse Fogo eterno e sagrado, que abraza as almas dos artistas e dos poetas, Fogo que não diverte mas tortura, que não distróe mas consome, e sobrevive, imperecível e triumphante, aos sacerdotes que o servem e são por elle devorados.

O. B.

A BORDO

1º DE MAIO DE 1891

O grande mar atlantico dilata horizontes de vagas sobre vagas de azul da Persia.

Na immensidade agitada do oceano, sob o céu tranquillo, a nossa véla põe como a sombra de um grande albatroz de azas abertas.

A' ré, passageiros, pela maior parte europeus, amodornam-se em cadeiras de vario feitio; uma *lady* acaricia um galgo de raça e de olhar pensativo, emocionado diante do grande desconhecido.

No tombadilho a maruja concerta vélas. Monotona vida de bordo, de que se não exime o—*Aquitaine*— transporte de bandeira tricolor.

Eterno thema das marinhas, o mar é sempre novo, com as tonalidades do azul que vae do colbato ao azul de pavão.

A' prôa muge um boi de selecção, com a nostalgia soturna, onde perpassam imagens de raças extinctas.

O vaqueiro ao pé, cotovelos fincados nos joelhos curvos, a mão no queixo, fuma contemplativo.

E' um typo louro e corado da verde Erin, physionomia expansiva de celta.

Amontoados, maltrapilhos, entre peças de cordalha e escudellas vasiaas, riem e fumam emigrantes da Illyria.

No tempo de Pericles e no de Luciano a civilisação brotou das cercanias das suas cidades.

Os seus antepassados colonisaram a Asia Menor e aventuraram-se pelo mar das Indias

Depois da queda de Bysancio, foram os seus que levaram a sciencia para o occidente.

Outros os tempos agora—o esgotamento intellectual de uma raça que se refaz, á mi-

seria da terra imperturbavel aos golpes das enxadas e dos arados.

Emigram, por isso, como os antigos.

Não levam mais o segredo das descobertas da sciencia, o trafico e a arte da navegação, mas os musculos que fecundam a terra com o suor do rosto do homem.

Expição, fatalidade ou vicio de organização social...

Sobre a amurada, ouço um allemão que recita o hymno vermelho da revolta socialista: "*Acht stunden Marseillaise*"

E' um marxista metaphysico.

Fico sabendo por elle que Julio Guèrde foi quem propoz no congresso de 1889, em Pariz, a celebração da festa do trabalho, que se realisou em 1890, pela primeira vez.

Emquanto o allemão falla-me em paz e harmonia social, como um missionario christão do fim do seculo 17, o grande oceano Atlantico desenrola para o irlandez a paysagem verde do seu campo e elle ouve scismamento os accents da sua lingua gaelica, que morre lentamente, desde a Renascença.

Preoccupado com esta idéa da finalidade historica, eu pensei no hybridismo da nossa raça e puz-me a descortinar as planicies do Cabo de S. Thomé, dourado de centeios, as grandes fabricas, erguendo chaminés pelos nossos campos e bandeiras de todos os paizes vibrando na sylva de mastros, nos portos do nosso littoral immenso.

E a *Patria*, como um pallio aberto para todos, appareceu-me, n'uma noção mais ampla como a concretisação ideal de todo o esforço humano, assim como madrepora secular, trabalhada por gerações successivas de polypos e que se fez continente.

E foi com sympathia quasi religiosa que repassei o olhar daquelles emigrantes rudes áquella *lady*—professora de encomenda para alguma fazendeira rica, hirta e pallida, como a figura da musa romantica, luctando na concurrencia de um melhor lugar.

A emigração intensa é um symptoma da profunda perturbação social do nosso tempo.

A emigração dos animaes, pela necessidade de condições favoraveis á existencia, traz, ha milhares de annos, este exodo de povos: o animal que se não adapta ao meio ou emigra ou morre.

A vida reveste assim a fórma de uma lucta.

O estado é o regulador destas energias. O ideal reduzil-o á função de garantia.

O anarchismo, que vae ás ultimas consequencias, proclama mesmo, a sua suppressão.

E relanceando os olhos pela historia, eu pensei no seculo 16, antes do grande evento da revolução franceza.

Então, as condições economicas eram menos duras.

O abbade e o bispo emprestavam sem juro e recebiam o dizimo.

Havia, então, a caridade evangelica, como contrapeso ao amor do lucro.

Mas, então, o progresso humano teria como corollario a negação da moral e da fraternidade?...

Mergulhar de corpo e alma neste mar desconhecido do futuro e vislumbrar as organizações futuras, o phalansterio, Sparta com Platão, a bemaventurança, afinal...

O socialista tinha invectivas e inflexões ardentes de fanatico na sua voz aspera.

Eu scismava, scismava.

O' mar oceano, de quanto capital de energias humanas é feito esse vagalhão de gente que rola no golphão da historia, desde o homem ancestral, n'uma ondulação rhytmica, como essa que agitas?

«As ondas murmuravam o seu eterno murmuro, o vento soprava.»

Es murmeln die Wogen igr ew'ges Gemurmel.

Es wehet der Wind, es fliehen die Wolken, Es blinken die Sterne gleichgüetig und Kalt...», mas eu não esperava a resposta do mar como o louco interrogador na *Frage* de Heine: *Und ein Narr Wurtet auf Antwort.*»

A resposta ali estava, no proprio mar, o destruidor e o creador de novas energias.

Elle apparecia-me, symbolo e mythio como na utopia positivista do Grande Fetiche.

Humanidade, nós seguimos sempre, ondulando, para o futuro.

Não ha soluções definitivas—disse eu para o allemão, que me interpellou nesse instante sobre a organização definitiva da sociedade.

Elle queria dizer, naturalmente, organização definitiva do estado.

Eu sentia-me anarchista no profundo d'alma: que me importava a suppressão do Estado, se tudo se transforma e a materia eterna prosegue no tempo e no espaço a sua eterna evolução?

Já não conversavamos; eu percebia, apenas, o allemão cantarolando:

«*Acht stunden sund genug...*»

JULIÃO FURTADO



ELEONORA NUSE

A DUSE

O prestígio é a mais poderosa móla de qualquer dominação. Sem elle jamais reinariam deuses, reis e mulheres. O prestígio póde ser adquirido ou pessoal. Adquirido, provém do nome, dos cabedaes, ou da reputação. O prestígio pessoal póde coexistir com qualquer d'aquelles factores ou d'elles viver independente. As observações de um pensador se applicam no theatro e aos artistas. Estes são o que os francezes chamam os conductores de multidões.

Haverá talvez quem sorria. Que será das grandes idéas do genio humano no theatro sem artistas de proeminencia? Toda obra cresce na razão directa do talento dos interpretes e quantas vezes ella só tem valor ou o conserva por haver sido representado por comediantes de fina agua ou por tragicos sem rival...

A *Dama das Camélias*, por exemplo, é uma peça velha, fóra dos gostos da alma contemporanea quanto á meio e a costumes. Muitos pedem a entrada d'aquella dama no museu theatral, mas ella se mostra disposta a não satisfazel-os. Esconde as rugas com o denodo de qualquer Eva que sente a belleza e a mocidade rolando pelo rapido declive da velhice. Confiem, porém, a *Dama das Camélias* exclusivamente a pataqueiras e verão se ella morre ou não, de tísica galopante desta vez.

Só artistas como a Duse conseguem injectar immortalidade a *Dama das Camélias* e quejandos typos. Graças a eminente Eleonora, a heroina de Dumas Filho, conseguirá por largo tempo despertar o interesse, a lagrima e o applauso. Assim tambem as heroínas de Ibsen descem mais facilmente para nós do nevoeiro—pensamento do autor mercê do genio latino que anima a Duse, genio feito de sól, de calor e de clareza. Na Duse o que esplende é esse genio latino cuja melhor flôr está em França.

Na minha modesta opinião, a melhor prova da incomparavel clareza do genio da raça latina reside na facilidade de comprehensão do symbolismo helleno-latino. Qualquer imagem do symbolismo germano-scandinavo custa tanto a ser entendida pelo vulgo intelligente quanto intrincado problema mathematico. Ha vinte opiniões sobre o sentido de tal ou tal

plano de Ibsen; mas quem se senta n'uma platéa e ouve a *Gioconda*, povoada de symbolos, comprehende de primeiro alcance varias cousas, e, entre ellas, que o autor luctou para demonstrar a these do poder soberano da arte. As paginas dos scandinavos deixam, ao menos o leitor latino, na posição mencionada do coche na celebre e lindissima fábula de La Fontaine, *suant, soufflant, rendu*. O pensamento recebe um sulco, sim, mas um sulco em sentido inverso.

Admiravel se mostra a Duse em tudo quanto entende de perto com o genio helleno-latino. A sua *Magdá* nunca ha de valer a sua *Gioconda*. Os seus papeis do repertorio ibseniano ficam aquem dos seus papeis nas peças italianas mais imperfeitas, a *Innamorata* de Marco Praga, por exemplo.

O Conde Primoli, n'uma roda de celebri-dades, affirmou um dia que a Duse, com a qual passára oito dias na capital das magias, Veneza, só presta attenção ás peças do seu aprazimento pessoal.

Nos papeis do seu desagrado, distrae-se facilmente, comendo uvas ou entregando-se a uma occupação qualquer. Se os espectadores pudessem comer uvas, os mercadores d'estas fructas enriqueceriam com certos actos do theatro germano-scandinavo que a gente é forçado a admirar sob pena de ser tido por ignorante ou estúpido.

O genio de Duse adapta-se ao theatro germano-scandinavo, mas duvido que n'elle se compraza. Nas peças de autores latinos a Duse despende mais força nervosa, correndo talvez o risco de extenuar-se, porque até as cotovias morrem quando embriagadas de sol e de canções, conforme o symbolo da *Cittá Morta*. E de sol, de canções, é feito o genio latino, sentado na historia sobre tantos seculos gloriosos. A Duse no theatro representa o «instrumento obediente e lucido» do genio latino, para me utilizar de uma expressão do protogonista da *Gloria* de d'Annunzio.

Quando a Duse chegou ao Rio de Janeiro, em Junho de 85, não era possivel fazer a observação que, de certo muito mal, fiz linhas acima. O repertorio dusiano, muito mais restricto, ia de Dumas a Augier, de Sardou a Scribe, sem esquecer o malsinado Ohnet, cabeça de turco para muita gente rigorosa que escreve ainda peor do que elle, coitado.

A Duse de 1885 se mostrava o ser enigmático, nervoso, original e triste de 1907. Vivia vida triste e afastada do mundo. Prezava o silencio, o grande bem dos espiritos mal feridos. Era simples, de gostos, de trajés, de maneiras.

Do naufragio conjugal lhe ficara precioso salvado, o intenso amor pela filha da qual

fallava com os olhos rasos d'agua, adorando-a a ponto de, sem dar fé do publico, mandar beijos á menina occulta nos bastidores. Quando a Duse entrava em scena a impressão do publico de 85 era aquella que registraram os jornaes das semanas passadas, por occasião da primeira récita da *Signora dalle Camelie*, segundo o italianismo dos cartazes e annuncios. A voz da Duse precisava da animação, do fogo da representação para adquirir a plenitude. A primeira scena da Duse *ne portait pas*, como dizem os francezes. Mas desde que a voz a principio aspera e incerta, tinha encontrado o verdadeiro caminho... Com o correr dos annos, ao toque da experiencia, a voz da Duse tornou-se o maravilhoso instrumento que o Rio de Janeiro tem agora a suprema ventura de ouvir um dia sim, um dia não.

Em 85 como em 907, os papeis de Duse representam o producto de longas horas de reflexão, de silencio, sobretudo de silencio. Eis porque nós a vemos viver intensamente na pelle de multiplos personagens. Acoimam-na de misantropia desdenhosa, de exquisitez insolente. Citam-lhe uma resposta de rainha da arte a um rei coroado que desejava comprimental-a no camarote regio. Ignoro a parte da verdade nos boatos correntes a respeito das excentricidades da Duse, aliás de licção commum em todas as grandes artistas. Quem sabe, porém, quanto haverá soffrido a alma de Duse antes de chegar á parcimonia da exhibição pessoal? Quem póde dizer que extremos a terão levado, manso e manso, ao extremo de não poder ser vista? Não louvo os destemperos de qualquer artista, inclusive os da penna, mas é força confessar que, não raro, os artistas são indignamente explorados por admiradores impertinentes, para os quaes a celebridade não se acha adstricta nem a leis phisicas.

Não pode ser um coração resecado pelo orgulho e pela misantropia o de uma mulher qual a Duse. Quer talvez isolar-se demais, approximar-se de nós, a golpes de genio, como as possantes aves marinhas que n'um surto riscam a terra e vão-se para a immensidade.

Nas horas de solidão, de melancolia, de scisma, de viagens ao paiz do irreal, se amalgama o genio da Duse feito de verismo e de amargura. Desde 1885 o seu processo artistico é o mesmo, impressionar pela simplicidade. Ella é a natureza no que esta palavra abrange de immenso, profundo e sombrio, em opposição a Sarah, arte, arte, quasi só arte. A força de pedir inspiração á natureza a Duse deve gastar forças como quem as despende n'uma molestia aguda, atirando ao soffrimento todas as reservas organicas. Certos gritos lancinantes da Duse são o longo e do-

loroso echo do ser inteiro. Alexandre Dumas Filho, o autor predilecto da Duse, dizia que ella encontrava em pequenos gestos situações altamente dramaticas pelas quaes as outras artistas passavam e tornavam a passar sem siquer advinhal-as.

A Duse tem razão de querer bem particular a Dumas Filho, aquelle que escreveu sobre ella estas linhas sobre cujo endereço se deve lêr—á posteridade—: *il ait bien regrettable pour notre art dramatique français que cette artiste hors ligne ne soit pas française.*

Quando a Duse creou em Roma o papel de *Lionnette* na *Princeza de Bagdad*, teve na ultima scena da peça um simples gesto que enthusiasinou Dumas Filho. Depois de haver dito ao marido, que a julga culpada, «sou innocente, t'o juro, t'o juro», *Lionnette* ergue-se ao vél-o vacillante, entre incredulidade e perdão, põe a mão sobre a cabeça do filho exclamando pela terceira vez: «eu t'o juro». Tal movimento, nobre e convincente, não fôra achado em Pariz pela creadora da peça, a Croizette. Nem Croizette, nem Dumas, embora talento não faltasse a ambos, tinham encontrado o movimento para tornar irrefutavel, ir-resistivel, o terceiro juramento da angustiada *Lionnette*. Aquelle gesto foi o achado genial da Duse.

Dumas Filho lh'o agradeceu em termos meridionaes, não só nas notas da edição da *Princeza de Bagdad* como n'uma carta hoje a amarellecer entre os papeis velhos da Duse. Houve aqui no Rio quem lesse a carta, que a destinatária, mui justamente, mostrava com jubilo e orgulho. Dumas Filho já se foi. Ao jubilo e orgulho a Duse tem de acrescentar saudade, a invisivel tortura que nos resta ainda, sempre, quando as lagrimas não desfiam mais ao longo das faces.

O que fez a Duse para o theatro de Dumas Filho fez depois para o de d'Annunzio. Apesar das differenças entre os novos *Elle et Lui*, a Duse continúa a passeiar pelo mundo a *Gioconda* de tão ruidosa nomeada na Italia e fóra d'ella. Os japonezes, hoje tão amarellamente em fóco, deram o nome de *Takasago* a um cruzador construido em Newcastle. *Takasago* é o nome de uma peça popularissima do theatro japonéz! Que diriamos de um nosso vaso de guerra chamado *Pedro Sem?*

A *Gioconda* não figura ainda e provavelmente jámais figurará na marinha italiana, mas entra em vivo combate onde se encontra a Duse, impellida para o theatro antigo pela maneira theatral de d'Annunzio. Seria para desejar, entre parenthesis, que a Duse aqui representasse muitas peças do theatro italiano contemporaneo, rico de obras como a come-

dia *Come de foglie*, o triumpho maximo da scena italiana de nossos dias.

D'Annunzio poz o theatro patrio com rumo certo para o theatro grego o velho berço d'aquella celebre theoria das unidades classicas que resistio ao embate dos seculos pelas intimas afinidades com as leis do espirito humano.

A Duse tem sido a interprete admiravel do restaurador da tragedia hellenica, d'aquella de quem se póde dizer quanto Aristoteles affirmava de Euripides, é o mais tragico dos poetas. Dos artistas e actrizes a Duse é a mais tragica, tragica até nas situações mais vulgares do theatro moderno. Quem a ouviu em *L'Autre Danger* sabe não haver exagero no conceito.

Para nós *l'altro pericolo* é não tornar a ver a Duse e seguir-lhe a renovação constante do talento e dos processos scenicos.

Talvez não volte ao Rio. Póde ser que com a presente temporada encerre as excursões pelo nosso continente. E se o ciume cabe na admiração dos povos, contentemo-nos em saber que ella a ninguem pertence. O

genio da Duse é planta constantemente erradicada pelo capricho da proprietaria e pelo ouro dos empregarios. Com certeza ha muito quem por isso a odeie na eterna sombra da eterna inveja. Que importa, porém. «Não é odiado quem quer, E' o privilegio de um merito qualquer, talento ou celebridade no homem, belleza ou bôa fama na mulher. «Nunca se odeia aquelle se despresa»,

A minoria dos invejosos e inimigos gratuitos de qualquer individualidade, de grande ou de pequeno merito, desaparece, porém, a cabo de certo tempo. Os cães latem, a caravana passa, reza o proverbio arabe. «Quem faz parte da caravana, deixe latir e siga caminho, pois vae para um logar onde os cães não se dirigem...»

E' natural que aos calcanhares da Duse muitos hajam latido. A deusa, porém, abrindo nas almas brecha por onde segue quando ella está presente, entra a adoração, e, quando ella está ausente, sae a saudade, divina e amarissima tortura do ser quando o pranto e o gemido já cessaram...

ESCRAGNOLLE DORIA.



D. JULIA LOPES DE ALMEIDA

AQUARELLA DO PROFESSOR RODOLPHO AMOÊDO

O Velho Sumares

(EPISODIO DO TEMPO DO TRAFICO DOS AFRICANOS)

Ao illustre almirante João Justino de Proença, excellente e venerando amigo de quem fui secretario, durante dois annos, na Capitania do Porto de Santa Catharina.

I

Galgo, tomada a ultima barcada de negros, fizera-se de vela. Bordejava ao terral da madrugada na pequena enseada de Ambriz, os pharões apagados para escapar aos cruzeiros inglezes e ganhar o mar alto, onde nenhum barco o vencia.

As primeiras barras do dia começavam a clarear para os lados de terra e o navio, ainda entre pontas, não conseguia fazer-se ao largo.

No tombadilho, passeiando de bombordo a boreste, o velho Sumares praguejava porque o vento ia escasseando. O brigue caturrava lentamente na vaga e elle olhava preoccupado o horisonte a oeste, sondando-o com um longo olhar inquieto através da obscuridade.

II

Das trinta e seis viagens á Costa nenhuma lhe custara como aquella. A' sahida do porto pegara logo uma lestada que lhe levava um mastaréu, inutilizando lhe um homem da compãha e fazendq-o rolar, durante oito dias, aos trambullhões, á capa. Depois, fôra aquelle «raio do diabo» do *Contest* perseguindo-o, na ultima semana, com uma tenacidade formidavel até á ante-vespera, em que conseguira escapar graças á itensa escuridão da noite no costão de Moanda. Ainda sentia subir-lhe o sangue á cabeça, n'uma onda de raiva, á lembrança d'aquelles sete dias perdidos de continuas e trabalhosas manobras, ora a occultar-se nos recantos littoraes, ora a surgir nos vagalhões do alto mar. E todas as manhans, sempre á vista as velas perseguidoras do maldito cruzeiro! Carregara durante dois dias e duas noites n'um sobressalto, sem arriar ferros e só com um ancorote, prompto a suspender ao primeiro signal. E, pela primeira vez, sentia-se fatigado dos seus setenta e seis annos de mar.

Porque o velho Sumares nascêra no oceano, na altura das Canarias, na camara de uma galera das Indias, n'uma alegre manhan atlantica de mar manso e céu claro. Seu pai, o capitão de bordo, era um famoso nautico, descendente de uma antiga familia de maritimos do Algarve. Chamava-se Manoel Sumares, mas era mais conhecido entre os capitães portuguezes do seu tempo pelo *Manoel Mastro*, em virtude do seu porte erecto e agigantado, do excepcional sangue-frio que mos-

trava sempre no perigo e da sua grande força muscular. Nunca tremêra diante da tormenta, nem sentira a fadiga das viagens. Piloto muito joven, apenas tirara a carta começara a commandar. A esposa que o seguia sempre pelos mares, uma robusta filha de pescadores da Póvoa, morena e planturosa, fôra creada nas praias, aos ventos salitrosos do oceano e ao cadente rebentar das vagas. Tivera nove filhos varões, dos quaes os tres mais velhos, ainda muito tenros, tinham abraçado espontaneamente essa poetica mas rude vida do mar. Casara aos quatorze annos e sahira logo a viajar com o marido em veleiros de longo-curso—para a America, para a Asia. Forte, muito corajosa e saudavel, durante as longas travessias transoceanicas ou ao correr das costas, nas singraduras, ora morosas e de vento contrario, ora velozes e com briza fresca, á bolina, á pôpa ou a um largo, e mesmo nas borrascas, vivia sempre em cima, no tombadilho, acompanhando o movimento das manobras com calma e intrepidez masculas. Isto fazia com que os marinheiros, nas palestras intimas do rancho, a tratassem sempre pela *Velha Nautica*.

O Sumares do *Galgo*, herdara do pai a gigantesca estatura, a serenidade extraordinaria e a possança viril de musculos, coroadas por uma intelligencia natural e um incomparavel espirito de aventura. Da mãe recebera a belleza cinzelada do tronco e os grandes olhos nankinados, imprimindo uma radiação e um encanto á larga physionomia peninsular, emmoldurada em bella barba basta e n'uma espessa cabelleira ondeada. Aos quinze annos, ainda imberbe, era lindo, rijo, esculptural, lembrando o filho de um antigo pescador do Pireu ou um dos jovens principes marujos da lenda dos Argonautas. Logo em bem novo, com pouco mais de dez annos, entrara a servir, como praticante de piloto, sob as ordens do pai, mostrando extraordinaria vocação para a vida do mar. Assim, fizera numerosissimas viagens. Mas fôra em Santa Catharina, onde naufragara n'uma velha barca portugueza que ia para o Prata, que obtivera o seu primeiro commando n'um palhabote da grande cabotagem. Tinha então vinte annos. As viagens eram para o norte e para o Rio Grande do Sul e, n'uma d'ellas, o Sumares realisava a sua primeira aventura salvando, com risco de vida, sob uma suestada d'inverno, a tripolação, já considerada perdida, de um lugre inglez naufragado na barra. Valeu-lhe esta «africa» uma medalha humanitaria de 1ª classe do governo britanico, acompanhada de um rico binóculo de *master*, com o seu nome e uma inscripção, gravada nos cylindros dourados, onde se enaltecia, com reconhecimento, a sua alta caridade

maruja e se falava da RAINHA VICTORIA e do Almirantado.

Esse facto e outros, numerosamente occorridos em toda a costa-sul do Brasil naquella inverno de tremendas borrascas, deram-lhe desde logo, na terra *barriga-verde* e na terra *gaúcha*, uma grande notoriedade. Só se falava, nessa época, no capitão Sumares. Depois, nos navios de longo-curso, que iam á Europa, á America do Norte e ao Pacifico, para onde se encarreirara, fizera, com a sua invencivel coragem e immenso prestigio de marinheiro genial, prodigiosas salvações no mar. E, n'uma viagem á America Central, ficara para sempre memoravel a temerosa travessia, sob o estourar dos cyclones, no Golfo do Mexico, onde, de vinte e tantos navios em perigo e perdidos, só escapara elle no seu bello patacho bem chamado *Rei dos Mares*, entrando, alguns dias após, em Nova Orleans, sob o applauso delirante da marujada *yankee*, não só inteiramente a salvo e sem avarias, como levando o navio apinhado de naufragos, arrebatados á tormenta e ás vagas em furia pela sua incomparavel pericia e inusitada audacia.

Mas a formação da sua estranha biographia, da sua lenda heroica a que a imaginação popular dera um desenho e côres phantasticas, sobrenaturaes, teve lugar, com mais publicidade e successo, quando elle era capitão dos navios da Costa, no trafico dos escravos, onde occorreram inauditos casos.

Ahi enriquecera, logo em começo, a dois armadores do Desterro, com magnificas viagens dando resultados consideraveis. Como casara na familia Calado, uma antiga firma commercial, tambem armadora e então um pouco atrazada por algumas perdas no mar, passou a commandar um dos navios da casa.

Escolhera, entre os quatro restantes, o *Galgo*, que fizera apenas uma viagem á Africa, e essa mesma com tanta infelicidade que os inglezes o haviam aprisionado, já na volta, depois de oito dias de singraduras largas, já na altura de Santa Catharina, levando-o, com carregamento e guarnição, para Santa Helena, onde o abandonaram libertando os quinhentos escravos que trazia e repatriando, por via européa, a guarnição de bordo. O desastre occorrera porque o capitão do *Galgo*, naquella época, aterrorisado com um temporal que apanhara pelo equinoxio e que o obrigara a uma «corrida com o tempo», em «arvore sêcca», durante um dia inteiro, — tivera medo de puxar pelo barco, por causa do mar e do sudoeste que reinava, temendo-lhe o casco esguio, o enorme panno, a guinda desmesurada.

O navio era ainda novo, de um modelo lindo, de uma construcção rara. E o novo

capitão, ao sahir a barra pela primeira vez no *Galgo*, puxando todo, ás bordadas, contra o norte duro, reconheceu logo que «tinha navio de baixo de si» e que aquillo era uma «espada», um «raic». Ao botar-se a *barquinha* verificava-se sempre oito a dez milhas folgadas, isto á bolina, que faria á pôpa ou a um largo!

Fôra nessa viagem que o Sumares começara a série inedita e louca de aventuras que deviam immediatamente dar-lhe o primeiro lugar, conferindo-lhe ao mesmo tempo a mais justa celebridade e immortalidade, entre os capitães mercantes do Brasil. D'ella, como das trinta e cinco travessias que se seguiram, sahiu-se sempre victorioso até esta, cercada agora de máus preságios, mas na qual triumpharia, por fim, como nas outras, consumando a sua ultima, maravilhosa façanha de embarcação e rematando com ella a sua longa, inequalavel, gloriosa vida de mar...

III

Mas claridades róseas entraram a alastrar o céu a léste — e o sol rompeu, n'um pasmoso esplendor tropical, fazendo destacar, muito vivas, as areias brancas da costa, as florestas á beira d'agua, e, ao fundo, n'um longo recôrte cerúleo, as ramificações littoraes da serra de Tala-Man-Gongo, sumindo-se além n'um esvaecimento nostálgico. A luz de ouro ardente cobria de innumeras placas rutilantes a vastissima amplidão do mar. A oeste, o immenso horisonte mostrava-se agora deserto e longinquo, n'uma viva linha azulada...

De repente, nas aguas de Moanda, ao noroeste, velas branquejaram. Era uma embarcação de alto bordo.

A' amurada, o velho Sumares, de binoculo em punho, observava attentamente o navio: proava n'aquelle rumo, á grande distancia, por isso não podia distinguir-se bem. Suppôz, a principio, uma galera portugueza de tornaviagem ás possessões de Angola. Mas, ao virar de bordo, reconheceu que era um brigue, trazendo á mezena a bandeira ingleza arvorada.

— Ah! com um milhão de raios, o *Contest!*... exclamou.

E mandou logo virar para o sul.

IV

Todo aquelle dia seguiu-o, ameaçadoramente, como na ultima semana, o terrivel barco, que só desapareceu ao cerrar da noite, mas cujos pharóes accêsos brilhavam através da tréva, espreitando-o sinistramente, como os olhos de um monstruoso felino de periodos geologicos remotos que se arrastasse estranhamente, a nado, nas aguas. Pela madrugada o vento escasseou e outra vez avistaram, bem nitido nas ondas, á luz fulva do Levante, qui-

lhando-lhes a esteira branca, o temeroso e imigo casco. A maldita calmaria, tão conhecida n'aquellas paragens, começava. E o cruzeiro britannico vinha-lhes na alnêta, já muito proximo, a menos de seis milhas escassas.

O velho Sumares receiava agora o alcance da artilheria que montava o *Contest*, mas guardava o sangue-frio habitual, observando-lhe os menores movimentos. O piloto, no sexto-de-gávea, procurava devassar o convés inglez com o seu longo e possante olhar. E a guarnição do *Galgo*, de cima do castello, o sobr'olho carregado, mirava attenta a marcha do inimigo.

Era colossal o brigue de guerra inglez, pelo seu comprimento, o seu enorme pontal e bocca, a mastreação de muita guinda, sendo que só as gáveas e os joanêtes podiam dar para todo o panno do *Galgo*!

Alguns dos marinheiros brasileiros e portuguezes, rudes velhos athleticos, encanecidos nas vagas e que tinham sido, de uma feita, aprisionados por um dos cruzeiros da numerosa frota albionica alli destacada para impedir o trafico, contemplando o gigantesco navio, a dar-lhes caça quasi em cima da pôpa, lembravam-se ainda, com horror, dos mástratos e da deshumanidade inabrandavel da maruja ingleza. Os que, avistados e perseguidos, não atravessavam logo cedendo á inflexivel intimação de entrega, e forçavam velas, e offereciam combate, atacavam-no immediatamente os cruzeiros á pequena e grossa artilheria, e a fuzil, se a distancia o permitia, e se o «negreiro» não lograva vencer com a salvação de uma fuga, porque de outro modo era impossivel, n'uma luta entre um mercante e um vaso de guerra, e resistia, o inimigo mettia-o ao fundo ou reduzia-o por uma capitulação obrigada, inevitavel, — e então os tripolantes que escapavam do fogo ou das ondas, e se mostravam ainda assim altivos e insubmissos, eram brutal e cruelmente calabrotados ou içados nos láizes das vêrgas e passados, a dois cabos, de mergulho por debaixo da quilha, supplicio monstruoso e sem nome, que não lembrara á Inquisição, nem ao Diabo! e a que só um ou outro sobrevivia por excepcional robustez ou acaso...

— Um inferno! concluia o velho gageiro Domingos, o mais edoso da campanha, homem já de setenta annos, mas forte e lépido como se estivesse em meia idade: só faltava matar-nos, trincar-nos os bófes... Excommungados!... E alli andavam, agora, a seguil-os... Pegal-os? bôas!... Só se aquelle já não fosse o mesmo *Galgo* e já tivesse creado «craca», senão havia de ensinal-os, aos patifes, deixassem estar!... E demais, com quem? com o velho Sumares... Ora, lérias!... Elles iam ver ainda d'esta vez o que era uma burla, o

que era zombar... E haviam de ficar com uma «cara de palmo e meio», a «chuchar no dedo», como uma rôlha nas aguas...

Os outros, que o ouviam, exclamaram entusiasticamente:

— Sim, senhor, sim, *sô Domingos*! Isto é que são falas! «Quaes» que! ao *Galgo* nenhuma bala o pegava! Pois se aquillo era um corisco p'ra andar! Dessem-lhe vento, que era o que elle queria! e que fossem bugiar os «cursarios»!...

E analysavam com o olhar, miudamente, o *Contest*, franzindo o beicho, n'um profundo desdem, como marinheiros que conheciam o seu barco.

O João Catharina, que subia do rancho para render o homem do leme e que apanhara ainda o fim da conversa, gritou-lhes tambem, voltando-se, com uma das mãos á cinta, endireitando a faca:

— O que, gente? o «carroça»? Não dava p'ra nada... Pois se aquillo era peor que uma boia!...

E, muito calmo e alegre, confiando cegamente no seu capitão e achando que o *Galgo* «estava bem entregue a quem estava», encaminhou-se para ré, a solfejar baixo e quasi sem querer, uma velha quadra maritima:

Vóga, vóga, lindo brigue
Que a brisa está de feição;
— Larga gáveas e cutellos
Caia vento ou cerração.

Mas, de pé á grinalda, o velho Sumares não tirava o binoculo do barco inimigo. Parecia-lhe, inexplicavelmente, que o *Contest* se approximava mais, apezar da calmaria. E pensava:

— Talvez effeito de maior velãme, das correntes, das aguas...

E começava a estranhar o silencio do terrivel cruzeiro, de certo já ao alcance de tiro, quando o piloto, que ainda estava no sexto de gávea, gritou-lhe:

— Capitão, fazem signal para atravessarmos. Olhe, lá está o signal á prôa! E preparam a artilheria...

— Qual atravessar, nem meio atravessar! berrou o Sumares, tirando o binoculo e erguendo a cabeça para o official. Atravessem elles, se quizerem, ou se façam n'outro bordo, porque ainda não é d'esta que nos hão de apanhar. Que rompam fogo, pouco importa, e que venham p'ra cá!...

Desceu o degráu e foi até ao homem do leme, abanando com a mão e recommendo-lhe:

— Andar assim, que é bom andar...

Entanto, um estampido grosso e rouco rolou sobre as aguas. Era o primeiro tiro de canhão do inimigo, firmando o «signal» á bala.

—Ah! os miseráveis começam a metralhar-nos! rosnou, apoplectico, o velho Sumares, levando outra vez o binoculo aos olhos e vendo uma nuvem de algodão adelgaçar-se lentamente sobre um dos bordos do *Contest*, á meia-náu. Desfaçam-se em balas que ninguém, neste casco, ha de arriar bandeira! Aqui morre-se de fogo ou no fundo do mar, mas não ha quem se entregue! Podem pôr todo o panno e puxar como quizerem que não hão de apanhar-nos! Estão enganados! Também era o que faltava o «leopardo» pegar assim, sem mais nem menos, o *Galgo*... Aquelles bêbedos, de certo, ainda não estavam «ensinados...» Queriam mais uma lição? lam tel-a, e das boas! Era só o vento calar duro, e veriam quem ia ficar para traz...

Os marinheiros, á prôa, rugiam também indignados:

—Olha os estupôres! Despejam a artilheria, despejam-na sem cessar!...

Effectivamente assim era. O cruzeiro, todo em panno, com varredouras, cutellos e papafigos fóra, approximara-se a quinhentas braças, batendo fogo por todos os lados.

N'essa distancia, agora, das enxarcias do brigue brasileiro, dominava-se-lhe amplamente o castello, o convés, a tolda. Ahi o commandante, officiaes e marinheiros moviam-se furiosamente, em manobras repetidas, desesperados, enquanto outros, ás baterias, mandavam o fogo.

Em torno aos dois navios o horisonte se abria, infinito e deserto no seu grande disco nostalgico. E o mar, de altos vagalhões, desviava as pontarias, arrancando pragas aos artilheiros furiosos.

Mas o *Contest*, vendo que os tiros de artilheria ligeira distribuida em cima não alcançavam o inimigo, entrou a atravessar e dar a banda para jogar com a de grosso calibre, em descargas cerradas.

O *Galgo*, a bem dizer parado no seio da calma, como que se entregava, n'uma fadiga de animal caçado, á explosiva furia inimiga.

O velho Sumares, firme e de pé ao cata-vento, sob as balas cruzando o convés á ré, n'uma intima e profunda anciedade e angustia de encolerizado, de revoltado impotente, que não dispõe do menor meio de ataque e se vê como manietado e passivo ante uma aggressão furibunda e brutal, tinha lagrimas de desespero inominado, em meio ao ranger zarro das vergas e mastros onde o panno murchava, e limitava-se a observar, em mudez, as evoluções do grande brigue britannico, saccudindo nervosamente a cabeça e as longas barbas alvas, a tremer todo de indignação e furor na sua elevada e veneranda figura de Neptuno lendario.

O *Contest* porém, a dar a banda continuamente, não adiantou mais uma braça. Entretanto não cessava de atirar...

Durante quatro horas o *Galgo* não tinha sido attingido, mas de repente uma bala varrou-lhe as amuradas. Fóra um choque horroroso, seguido de outro que arrebatou a lancha grande dos picadeiros, despedaçando-a sobre as escotilhas fechadas.

N'esse momento, no interior do navio correu como a zoada, o tropél abafado de um gado preso, tumultuando. E guinchos loucos, uma algazarra de vozes inintelligiveis e estranhas romperam, por entrevante do mastro do traquête, pelo escotilhão ácima.

O contra-mestre e seis marinheiros arrancaram logo o quartel quadrado e, de espêques do cabrestante e calabrótes em punho, desceram precipitadamente á coberta, ao porão, n'uma grita de ameaça:

—Céssa, canalha!... Eh lá com isso, africanos!...

E os quinhentos ou seiscentos miseros negros de ambos os sexos, reduzidos a escravos a trôco de missangas, aguardente e panno de algodão, na costa baixa e mortifera de Ambriz, emmudeceram como por encanto a sua longa e surda matinada de susto, ante o pelotão terrivel e flagellante d'aquelles sete marinheiros brancos...

No entanto, de pé ao degráu, no seu immenso desespero intimo mas na sua externa attitude impassivel, o velho Sumares observava sempre, attentamente, o inimigo. E como o seu navio começara a dar violentas guinadas, vozes de commando irromperam-lhe de repente dos labios, para o homem do governo e para os que andavam de quarto em cima. Este e os outros cumpriram logo as ordens dadas—um, mantendo sómente a pôpa do *Galgo* voltada para o fogo, a offercer o menor alvo possivel, os outros, acudindo ao panno no meio do cruzar incessante das balas.

Pela primeira vez, nessa occasião, o sangue sempre calmo do velho maritimo estuava n'aquella tolda raza e balouçante onde elle era um rei inveneivel, mas sem de leve trahil-o.

As balas inglezas choviam então, certas, sobre o tombadilho, o convés, o castello do *Galgo*, carregando tudo n'uma devastação formidavel—o espelho da pôpa, a gaiúta, as pipas da aguada.

E toda a companhia tinha agora movimentos attonitos, sob o fogo que crescia.

O piloto porém—que ja descera do arco de gavea e estava á proa—animava-a com a sua rude calma e alegre vozeria, mandando safar os ovens e brandaes que se despedaçavam. Era um rapaz dos Açores, da Terceira, de trinta annos mais ou menos, vivo e

e robusto, de uma intrepidez colossal. O velho Sumares conhecia-o desde menino e adorava-o pela sua coragem. Fôra isso que o fizera, ainda muito joven, genro e piloto do velho lobo do mar.

Mas uma brisa de nordeste começava a cahir fresca, e o *Galgo* augmentava a singratura e a marcha quando lhe acertou um balasio n'um mastro. E então, em todo o navio houve como um immenso abalo geral, n'um formidando ruir de derrocada — e pannos, vergas, mastaréos e mastro de ré entraram a flutuar em roda, nas ondas, partidos, desfeitos, n'um emmaranhamento de cabos, como arrebatados n'um cyclone. E, subitamente, vinte pulmões vigorosos estrugiram, n'uma explosão de pragas:

— Má raios o partam!... Covardes!... Má raios o partam!...

Fôra o mastro-grande que rebentara pela enora, cahindo de través sobre o trincaiz, levando por diante uma parte da borda falsa e rolando em cheio nas vagas.

— Felizmente, ninguem apanhado! gritou o contra-mestre, que vinha para pôpa, branco como a cal.

E o velho Sumares, junto ao leme, ancioso e louco por evitar ao navio um desastre maior, no meio do maroiço bravo recrudescendo para a tarde, gritava energicamente, furiosamente:

— Salta á ré, salta á ré, maruja!.. Com um milhão de diabos!.. Safa! safa!...

A gente cahiu de um golpe, n'uma rajada, sobre os destroços da cordoalha coalhando todo o convés por cima da camara, e rompeu a cortar, á machadinha e a faca, os cabos, enquanto o navio atravessava, batendo as velas de prôa.

Pedaços de mastro boiavam, agora, sobre os vagalhões em torno, como despojos de um naufragio.

O *Contest*, que fôra deixado para traz, á distancia, cessara já de atirar...

Em poucos momentos, os heroicos e dextros tripolantes do *Galgo*, n'uma faina admiravel, incrível, safaram inteiramente o tombadilho e o convés, e o pequeno e veleiro brigue — o melhor e o mais celebre navio mercante que conheceram o Atlantico e as aguas das costas do Brasil, e de Africa, n'aquelle tempo — apenas foi convenientemente estaiado o traquête para ré, fez-se em cheio ao sudo-

este, a rumo de Santa Catharina, conservando ainda a tremular gloriosamente á mezena o pavilhão brasileiro, que o velho Sumares mandara arvorar ao avistarem o *Contest*, como um desafio intemerato e energico á sua perseguição e ás suas balas. E assim, já a salvo e victorioso, singrava em demanda da patria, como inspiradamente cantou o «navio negreiro» CASTRO ALVES, o celebre poeta bahiano que tinha bem o grandioso sentimento do Mar:

Resvala o brigue á bolina
Como um golfinho veloz,
Presa ao mastro da mezena
Saudosa a bandeira acena
A's vagas que deixa após...

V

D'ahi a dias, numa esplendida manhã de sol vivo e mar calmo, o brigue, só com um mastro, entrava triumphantemente o Arvoredo. Fundeára na Ponta das Cannas, onde fôra lançado em terra o triste carregamento de pretos captivos que, cambaleantes e ainda tontos, enfraquecidos e magros, como espéctros, a cara fula, quasi nús, mal podiam-se aguentar sobre as pernas, devido á longa travessia, ao porão apertado e torvo em que tinham vindo apinhados, ao máu passadio e ao enjôo do mar. E na mesma tarde da chegada o velho Sumares seguiu para o Desterro onde, desde o amanhecer, não se falava senão no *Galgo*.

Por toda a parte, nas ruas, nas casas, o nome do insigne mareante scintillava como o de um personagem épico, phantastico, em meio ás mais entusiasticas exclamações e commentarios. E, durante mezes, foi essa extraordinaria e maravilhosa viagem o assumpto mais querido das palestras entre aquellas populações da beira-mar, que têm toda uma sympathica e affectuosa predilecção pelas lendas maritimas.

O velho Sumares nunca mais embarcou, expirando aos noventa annos de idade, entre os carinhos deliciosos das filhas, dos netos e bi-netos, na sua pittoresca habitação da Arataca. E a historia emocionante da sua vida rude e aventureira ainda é hoje relembrada, com ineffavel ternura, na placidez venturosa dos serões, nos lares.

VIRGILIO VARZEA.



INDIOS GUARANYS



EM um dos afluentes do Rio Ribeira de Iguape existe ainda hoje um pequeno resto de Índios, entre os quaes encontram-se alguns individuos de sangue puro de ambos os sexos. Pertence este povo aos antigos "Guaranys" dos quaes ainda conservam o idioma, e muitos costumes, tornando-se uma preciosa memoria dos tempos idos.

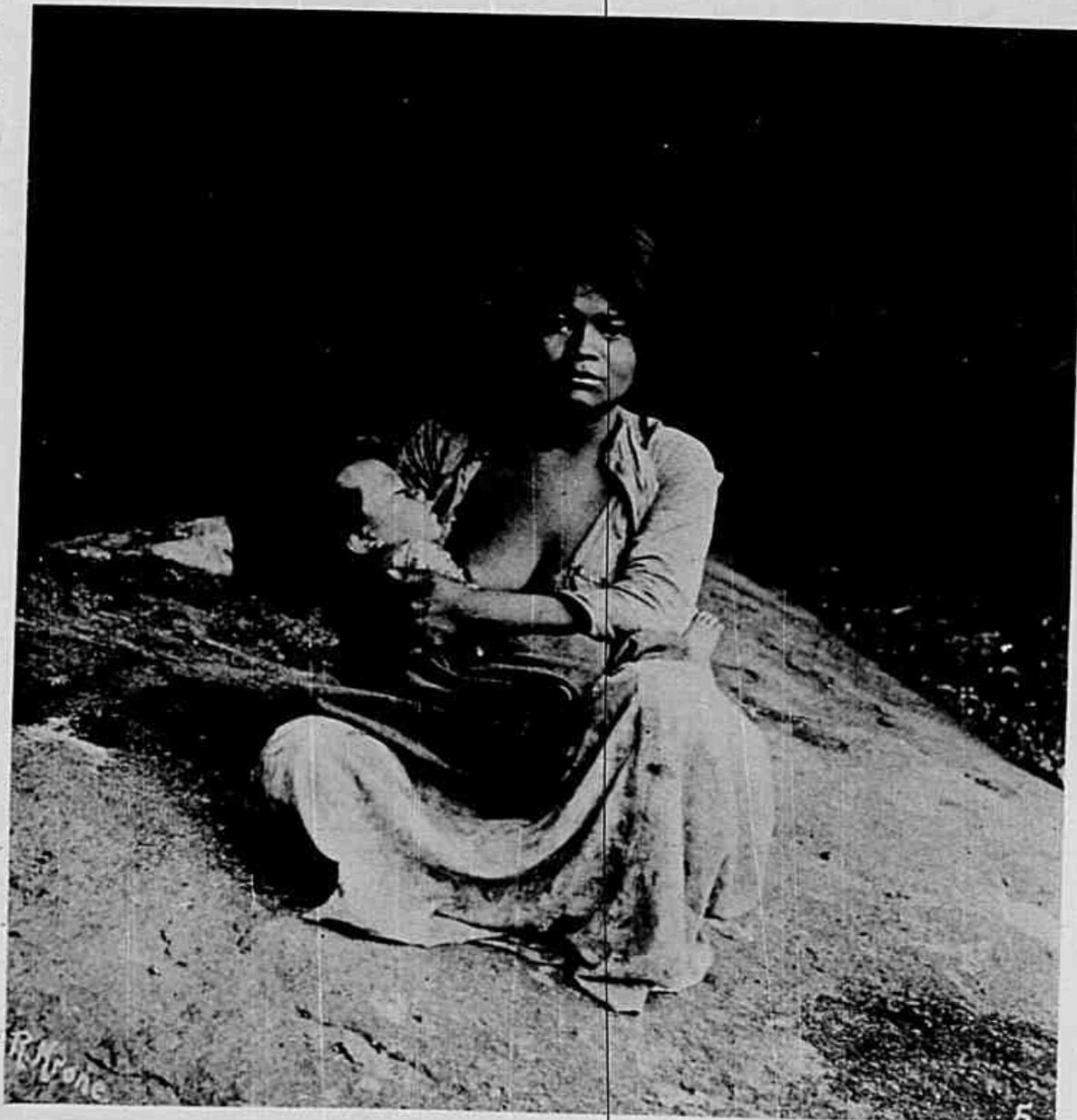
Reunidos no Rio Itariry, tributario do Rio São Lourencinho, habitam estes indios uma região extremamente pittoresca e que está situada entre a serra dos Itatins e a Paranapiacaba e na sua reclusão entre estas montanhas, achase a razão, porque durante tanto tempo se



podiam elles conservar quasi illesos apezar da proximidade de regiões bem civilizadas, vivendo alli ainda igual a seus antepassados.

Caça e pesca ainda hoje é a ocupação mais importante dos homens; pequena lavoura e o insignificante serviço do rancho, cabe mais ás mulheres. Estas tambem se occupam em fazer louça de barro e demonstram mesmo bastante habilidade neste mister.

Em 1905 encontrei alli 80 almas, que, pela sua affini-



dade de sangue, devem ser considerados donos do aldeamento e que se chamam á si, ainda com certo orgulho, de Guarany's.

Um estudo propriamente anthropologico deste pequeno resto de Indios foi publicado com as respectivas tabelas de medidas: Os Indios Guarany's do Aldeamento do Rio Itariri no Est. de S. Paulo em *Mittheilungen des Anthropologischen Gesellschaft i Wien* (Vol. XXXVI 1906).



O naufragio de Flora

NESSAS escuras noites d'estio, em que a natureza arde em fremitos de posse, e a terra é toda uma palpitação de caricias, que se esboçam inconscientes nos braços dos homens, nos troncos das arvores e nos troncos das mulheres, nas petalas, nas azas, nos elyctros, nos coxos, nos gorgeios, nas horas que esvoaçam das torres, nas luzes, que trahem a treva e morrem mais tristes na sombra que as abafa, e se communica, com a irradiação do desejo, ás proprias estrellas, que, cuspidas, olham do alto os beijos dos amantes; nessas noites povoadoras e felizes, Clara amava, com ternuras de fada, o propicio silencio do campo ainda mórno.

Numa sincera regressão ao velho paganism, de que se fez noss'alma, ella, com o aparato precioso dos seus trajes primorosos, adorava atirar-se, com um descuido de garoto, para as balsas floridas, para os vergeis assombreados, para os brigaes tufados que romflam ao contacto, e o seu corpo ensaiava cabriólas dilatantes e saborosas sobre o ferro macio, entre os milhos altos que casavam o estalar das suas cannas, os tremulos dos seus pendões, ao turbillio effervescente das rendas espumantes, que, como uma floração estiva, guardavam a forma perfectissima d'essa mulher arrebatante, que ria como as creanças, e tinha, no olhar irresistivel, todas as esperanças e todas as flammancias da paixão, da volupia, e da belleza.

Alli, sob o velario franjado das latadas opulentas, na penumbra recatada e pudica dos grandes choupos indifferentes, ella despia, ás vezes, com desprezo as galas da civilisação, atirava, como trapos inuteis, as sedas perfumadas que a cobriam, e, soberba, casta, nitidamente nua, era, entre a brutal fecundidade que explodia da campina em flor, uma filha da Hellade que visitava uma quinta do Minho: a nympha, a fauneza, a dryadne, até a naiade, porque nos seus arrebatos de primitiva, fartas eram as aguas que ella tinha moldado com os contornos do seu corpo alvo e forte, muitas as correntes que, á pressão da sua carne, tremeram a vibração de gozo, que a agua sente ao mergulho da belleza.

No meio daquella natureza luxuriosa, dyonisiaca, triumphalissima, a nudez de Clara era d'uma pureza sã. Asseguradamente só, não era ella a mulher que, provocante, se despe, abrindo em seu torno, como uma lam-

pada que se accende, uma clareira de tentação. Era a convicta filha d'aquella terra magnifica, a fêmea natural que regressava ao berço, a forma humana que se confundia e mesclava com o todo, a natureza que se communicava toda, inteiramente, um blóco de carne linda sobre uma sementeira de encanto, uma enorme flor nova e viva que irrompia da seara farta e bella.

*
**

Sempre com o seu requinte innovador, realisava frequentemente as mais supremas phantasias.

Usava colher, no caminho d'acaso que seguia, toda a flôr que se lhe estendesse, escalava sébes para buscar os grandes ramos hostis d'espinho bravo, saltava vallados para roubar rosas ou para pesquisar os cravos melhores, e com a sua colheita apoupante, risonha d'aquella carga rescendente e colorida, pungida pelos espinhos penetrantes, procurava com escolha um esconso de bosque ou recesso umbroso de vergel.

Internava-se célere na enfolhada camara, e, despojada da obra suada das modistas, ia suavemente, carinhosamente, entretecendo as flôres que recolhêra; com paciencia benedictina, trançando, tecendo, vergando, atando caules tenros, pedunculos frageis, hastes revoltadas, obtinha para o seu corpo nú, que desejoso os esperava, braceletes viçosos, cinturões venuscos de cravos e de rosas, ligas maravilhosas de geranios e camelias, adornos soltos de amores e margaridas, e cobrindo-se assim completamente de corollas e de petalas, que condescendentes e amigas se lhe collavam á pelle branca, como a rêde tenue de nocturna aranha se mantem e estremece num raio branco de lua, corôando os seus seios inolvidaveis e insubmissos, apontados ao ar como balas turgidas de leite que tivessem nos cumes estrangulados sangue de feridas recentes, com as grandes campanulas macias das açucenas rosadas ou de lyrios branquejantes, soltava finalmente a sua juba de sol sobre a tunica de flôres, como uma batega d'ouro que uma amphora vertesse de chôfre, e passeiava a frescura inedita d'essa imagem que se não descreve, pelos atalhos floridos, pelas azinhagas balsamicas que levavam á ribeira.

Repousava na commoda inclinação dos barrancos, cantava, entre a folhagem quieta, canções evocadoras do prazer que a inundava, e era tal o poder enganador d'esse corpo esplendido sob a sua camada de flôres, que, numa noite, um rouxinol, voltando do amor, lhe tocára um sovaco, onde agonisavam cra-

vinas, pensando ter alli o seu ninho harmonioso.

Sob a lente illuminada da lua enrubecida, era assim que ella mais amava o inebriamento do banho, e, do alto, juntando os braços, que pareciam ao elevar-se duas trepadeiras bem cobertas que se enlaçassem de repente, atirava-se soffrega á agua tranquilla do riacho, que a sorvia com ancia, e logo ficava, ao recebê-la, toda constellada das petalas que se desprendiam no baque.

Clara sabia, como ninguem, saborear os ruidos maviosos da agua que se agita: esse beijo surdo e violento que ella dá ao corpo que lhe entregam, o ebulliente ronronar dos seus cachões em poz a mão que a afaga, a suprema reconciliação que, num estralejar rapido de beijos e soluços, sôa no instante em que uma braza se afunda.

Boiando, mergulhando, passeiando na pequena profundidade dos regatos, entretinha-

se a espetar com os dedos esguios as estrelas, que o reflexo mostrava no fundo, apagava algumas com conchas desfolhadas das rosas, tentava apanhar na mão avelludada essas sombras luminosas das longiquas scintillações do ceu; uma vez poz-se a engrinaldar com clematites o setestrello, que pairava no azul e na agua, fazendo nascer o perfume em torno á claridade, como um beijo que termina um sorriso.

Satisfeita a ancia, ao primeiro arpejo, saltava em terra, fresca e hilare, com os grilhões verdes dos caules desenfeitados na carne radiosa, corria á matta em que se desnudara, escondia os encantos novos, que a agua lhe dera agradecida, nas sedas da cidade, reenrava feliz na habitação elegante, e se alguém a interrogasse, a sua expressão seria imaginosa, como a de um poeta... o suicidio de Flora, o naufragio da Primavera...

MANOEL DE SOUSA PINTO.

A estatua de Hero

No pedestal da minha phantasia
 Quiz que se erguesse a estatua da belleza,
 Calma e serena, scismadora e fria
 De uma sublime e candida pureza.

Da pedra rude eu pouco a pouco abria
 Feições humana de ideal clareza
 Pondo n'estas feições tudo que havia
 De mais divino pela natureza.

Artista e sonhador, prosigo; a fronte,
 A cabeça, o nariz, a bocca, os olhos,
 O corpo enfim vejo de mim defronte.

Vejo-o e pergunto: Que desejas, Hero;
 Um vestido de gases e de fólhos?!
 —“Não!”—ella diz—“É um coração que eu quero?”

1906

OLEGARIO MARIANNO

PAIZAGENS

Exposição Roberto Mendes, no
Club Internacional de S. Domingos
de Nitheroy.

HA sete annos, referindo-me á primeira exposição de Roberto Mendes, nesta Capital, escrevi n' O PAIZ: «O aspecto que tanto preoccupa os paizagistas e donde

Ainda hoje, após o decurso desses bem contados sete annos, eu me não sentiria contrariado por subscrever estas frases, porque as releio, aceito e nellas medito.

E' que encontro no artista de hoje essa mesma paixão da Natureza que, logo naquelle tempo, o destacou dentre seus émulos, pondo em realce a sua sensibilidade extraordinarias mente accessivel aos caprichos e minucias da côr e, mais do que isso, ao expressivismo do assumpto.

Sob esse ponto d'estima, a sua alma guarda o entusiasmo com que se nos revelou, tem



DEPOIS DA TEMPESTADE

se originou o «impressionismo», não o tóca senão mediocrementemente. E' a expressão o que elle quer, á maneira do Pantheismo; é a alma da Natureza, a alma das cousas, que sorri na claridade das manhãs primaveraes, que respira largo e forte pelo rigor de suas bastas, murmuradas selvas e pela amplidão de suas planices em horas quentes de sol, que se melancolisa e se queixa pelas tintas dos crepusculos ao tremulo baixar vagaroso das noites. E' a Natureza fecunda e viva, em todas as suas manifestações de forças e desalentos, mas sempre communicativa e emocionante, que a sua ambição de artista deseja com o mais ardido, o mais acariciado, o mais constante amor».

a mesma mocidade, a mesmíssima vibração. E se, por louvavel brio, o triumphador *pastelista* de hontem cedeu primazia ao pintor de hoje, certo que nem uma desvantagem resultou para o artista, que se conserva integro no equilibrio da sua organização, com o favorecimento de maior habilidade conquistada em paciente, obscuro, dedicadissimo estudo.

Roberto Mendes tem a completar o seu formoso talento essa grande qualidade do amor ao obscurismo, que é peculiar á maioria das organizações d'escol, na Arte. Sem que se possa dizer delle o mesmo que se diz... por exemplo, do arredo Vasquez—escorchado pelo feito dos rusticos—porque se não

amolda áquelle o desprendimento simplório dos charros nem se lhe ajusta á contento o briche dos serranos, tão fino de gosto é elle e por natureza aristocratisado sem fatuidade, a sua indole propende para a solidão, e ama intensamente o viver singelo em contacto com a Paizagem, onde encontra o goso dos inesperados efeitos da luz e as mais surprehendedentes minudencias do colorido.

A Natureza o seduz; elle a estuda, pesquisa, inquerê, investiga, analysa. Nada lhe escapa porque tudo o commove: Grandezas e insignificancias, desdobramentos de panoramas, recantos de estradas, ourélas de praias, pedregulhos e escarpas, soqueiras e esgalhadas, frondes e ramusculos, em tudo o seu olhar penetra e de tudo vivem a sua imaginativa e affectibilidade. E' como um culto pagão esse ardor que o enleiva e caracteriza.

Um artista, affirma sir John Ruskin, jamais passará indifferente deante de uma folha illuminada pelo sol; vendo-a elle parará e ha de amalla por sua viveza ou o seu desfallecimento, por seus toques de luz e por seu destaque nos maciços...

E desde que me occorre uma citação de Ruskin, devo declarar que, por influencia esthetica desse reformador, Roberto Mendes modificou a sua antiga maneira de ver e, particularmente, de executar em que havia certa faiceirice de contornos commum ao *pastel* e muito ao agrado dos amadores; ligouse mais estreitamente á Natureza, penetrando-a, procurando os modos da sua expressão, o brilho do seu viço, o segredo das suas sombras, o relevo typico das suas formas, d'onde lhe adveio esse já quasi firmado, definitivo estylo pinturesco que vae modelando a sua individualidade em linhas magnificas de um resalto inconfundivel.

Mas elle não se escravizou, humilde e desassisado, ao doutrinarismo ruskiniano, tal se deu na Europa, com grande numero de artistas soffregos de novidades; aceitou-o no seu delineamento geral, em condição particular. A dizer com a verdade é o unico ruskiniano que a pintura patricia possui, posto que ella

sempre tendesse ao *realismo* e, em summa, *realista* é aspiração de Ruskin, como desde remótos seculos exigiam os esthetas que o fosse. No tempo de Augustus, Vitruvio Pollio dizia: *Mai non si debbono stimari pitture quelle che non sono simili al vero*, o que, por outros termos, veio repetir o auctor da *Seven Lamps of Architecture*: «E' preciso observar os efeitos da Natureza e reproduzil-os tão fielmente quanto fôr possível e nunca alterar uma côr porque ella parece estar fóra do logar que se quer...»

Convenhamos, porém, que sir John Ruskin assim se exprime como theorico, dado



GRANDEZA EXTINGTA

que, conhecendo os recursos á disposição da pintura, sabemos o quanto vae de impossivel na *reprodução exactissima do que vemos*. «Os empastelamentos mais angulosos não imitarão jamais as fendas d'um rochedo» — diz Augusto Laugel. Mas a theoria ruskiniana é aproveitavel, apesar do seu caracter eminen-

temente inglez. Applicada com intelligencia e sympathia ou seja afinidade ella só póde prestigiar a pintura. «Cada classe de rochas, cada variedade de terrenos, cada especie de nuvens, — doutrina o mestre dos *Modern Painters* — deve ser estudada e reproduzida com exactidão geologica e metereologica isso não se relaciona unicamente com a verdade do pormenor, é tambem mais importante para se obter esse caracter simples, sério e harmonioso que distingue o effeito dos conjunctos dos sitios naturaes».

Seguindo-lhe os conceitos Roberto Mendes condensou-os no conteúdo das suas observações pessoas, e attingiu os pontos culminantes da esthetica de sir John Ruskin, que se póde resumir no maximo rigor da cópia para maior resultado da Belleza, porque o bello é a Verdade.

Compreende-se que não entra nesta theoria a annullação da individualidade do artista. E' o mesmo sir John Ruskin quem nos adverte: «Por minha parte, não percebo em que consiste a differença entre um mestre e um noviço...

«Ser dextro e pintar a herva ou os arbustos com bastante verosimilhança para satisfação da vista, é uma habilidade que um ou dois annos de aprendisagem poderão dar a quem quer que seja. Mas surprehender na herva ou nos arbustos esses mysterios de invenção e de combinação pelos quaes a natureza fala ao espirito; descobrir até nas minucias de mais insignificante apparencia e mais despreziveis a chamma incessante do poder divino que tudo embelleza e glorifica; mostrar emfim, todas as cousas aos que não sabem vêr não pensam: eis o que é verdadeiramente o privilegio e a especial vocação do espirito superior...»

E assim é o principio esthetico que norteia o trabalho de R. Mendes. Ahí temos esse crepusculo vespertino na Quinta da Boa Vista, que é uma belleza de tons e uma poesia em côres; o *Depois da Tempestade*, de uma humidade que chega a dar a sensação das hervas molhadas; o *Primeiro Sol* entre neblinas, de frescura inexcedivel onde palpita a alegria das manhãs luminosas...

A sua arte é o desejo de pôr a Natureza, como elle viu e sentiu, deante de outros olhos e d'outra emotividade. Para alcançal-a não o impede a violencia dos contrastes, como nessa *Grandeza extincta*, mas se lhe não sobrepuzasse o receio da pretensão teria *bravuras* coloridas á Salvador Rosa. O temor de parecer falso, senão pretencioso, enfraquece-lhe o pulso, resfria-lhe o ardor, doma-lhe o impeto.

No emtanto, o seu maior almejo parece ser a fixação da luz tropical, tal se nota em muitos dos seus modernos quadros.

Percebe-se-lhe a persistencia.

Se o conseguir, as suas paizagens terão alcançado o maximo da verdade, porque o que falta á paizagem brasileira é essa luz offus-



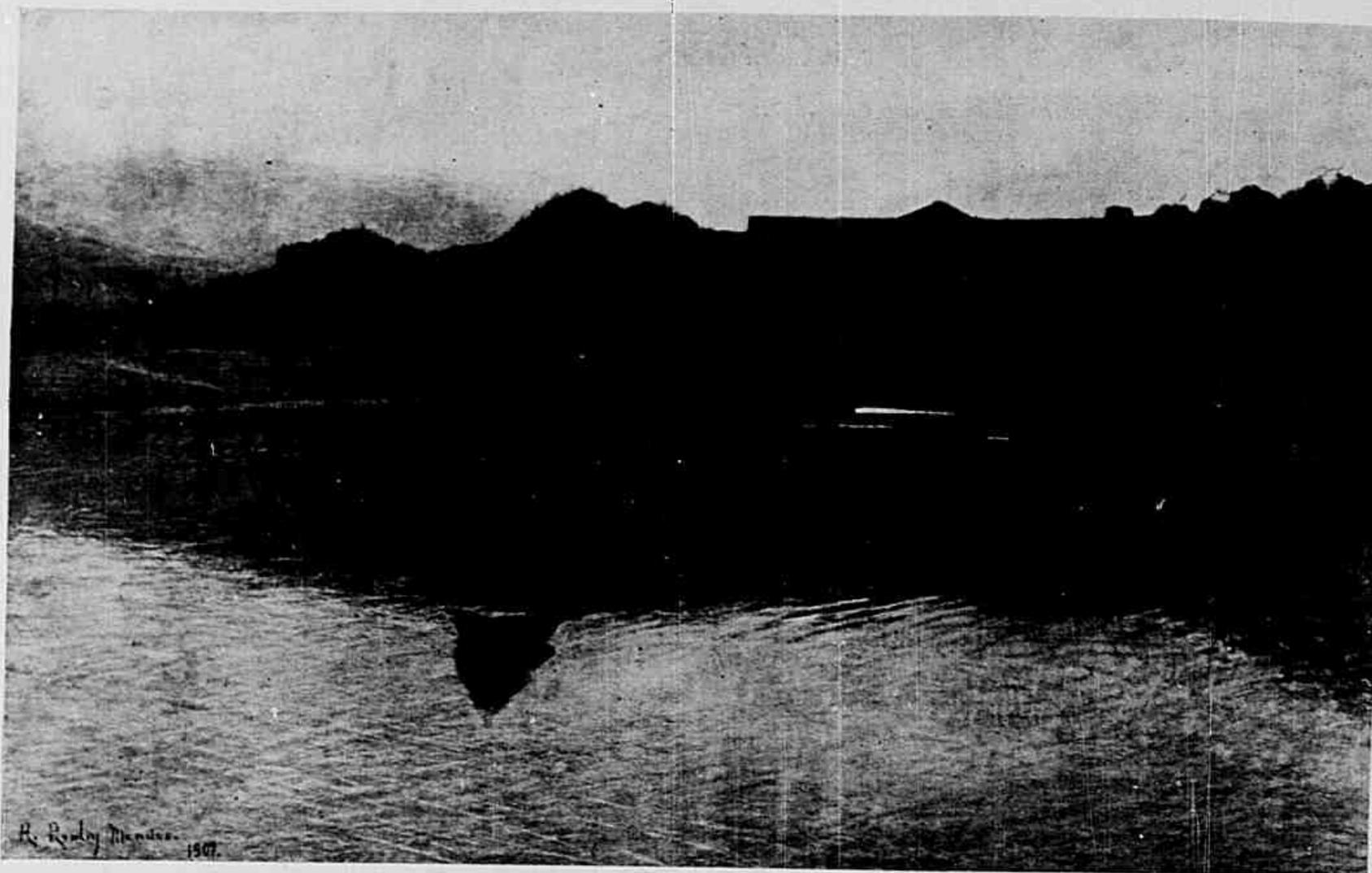
RESTINGA — ICARAHY

cante, poderosa, intensissima; luz tropical que confunde tudo n'uma fulguração ou desperta algazarras de côres nas dissonancias de brilho.

E' difficil, porém, conseguil-a no estreito limite de uma tēla. Para isso faz-se necessario uma educação visual perfeitissima, obtida pela constante observação do natural, pelo habito de «sentir a luz».

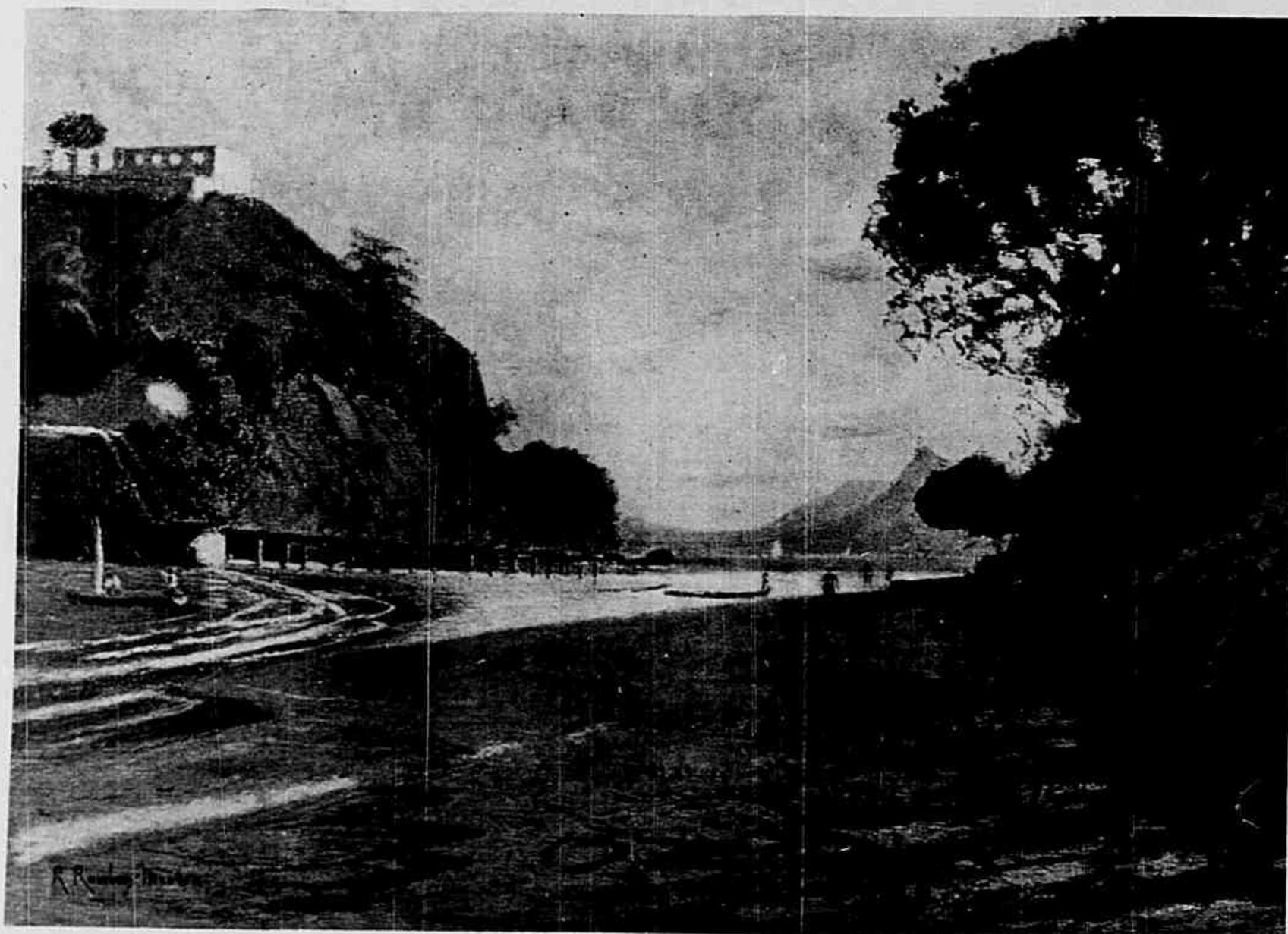
Alguns mestres são de opinião que se não deve rebuscar taes effeitos.

Victor Cherbuliez, no seu presado livro *L'Art et la Nature* condemna essa tentativa. Mas, se os pintores inglezes, a exemplo de Turner, tentaram a *bright colour*, porque os nossos paizagistas hão de desprezar o esplendor dessa luz, que é da nossa natureza, que é a alma, a vida da nossa paizagem?



R. R. Mendes 1907

A BRISA—CREPUSCULO NA QUINTA DA BOA VISTA



R. R. Mendes

AO SOL—BOA VIAGEM

Porque não imital-a? Porque é difficil? Mas quando ha força de querer e quando ha talento cessam as difficuldades. De mais, ahi temos o exemplo de Ticiano com o fulgor dos seus vermelhos e de Veronez com a rutilação dos seus amarells, anticipando-se á descoberta scientifica das complementares.

Verdade é que, para conseguir a reproducção dessa luz, não basta a convivencia d'algumas horas com a Natureza; é preciso viver com ella e n'ella, ter-lhe o amor collante dos voluptuosos, assistil-a quotidianamente, desagregar-se de todas as outras preoccupações para pensar na sua arte e nos meios de expressal-a. Então, sim, o artista terá o que deseja, porque ficará senhor das minudencias do colorido, decomporá os efeitos do natural para compôr os da sua imitação, poderá por conhecimentos proprios da influencia dos raios solares sobre taes e taes côres estabelecer a approximação dos seus tons, fundir os pormenores do ponto estudado em uma synthese esthetica do *motivo*, que é o seu quadro, que é uma larga parte subtrahida da grande Natureza n'um dado momento e fixada em resumo no curto espaço de uma tēla. A questão principal está, portanto, na educação dos seus olhos pela permanencia no meio, o que, afinal, é um caso applicado da sabida theoria das adaptações.

Attendidos os *valores* pela decomposição dos raios solares na paizagem, obtido por isso as suas complementares, *retido* os dois ambientes, que tanto preocuparam Claude Monet na *luz europeia*, um formado pela illuminação solar, outro pela reverberação do objecto illuminado, o conjuncto harmonico estará conseguido.

Roberto Mendes, mais do que qualquer outro dos nossos mestres da paizagem, anda por perto desse resultado, porque, em verdade, é elle o unico a procural-o. Já alcançou muito, O seu esforço é admiravel. Sobram-lhe, porém energias para ir até o fim.

Isto que, ao meu vêr, constitue o grande merito da sua exposição, é a parte infeliz della



ROBERTO MENDES

attendendo-se á cultura artistica dos nossos amadores, facilmente irritaveis nos seus inalteraveis gostos e habitos, com quanto eu lhes faça a justiça de os não considerar inferiores a outros, mais dinheirosos e vivendo em maiores centros de artes.

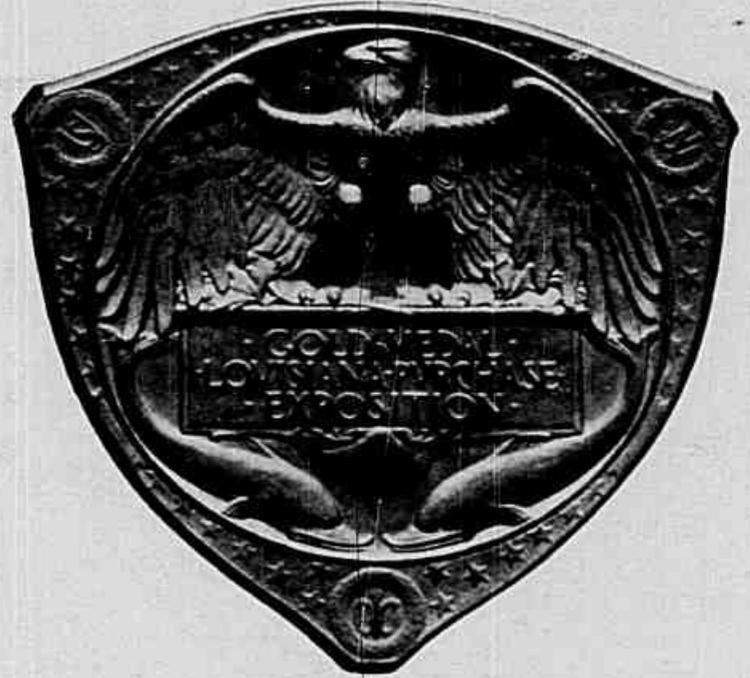
Mas, adquiridas ou não, essas soberbas tentativas constituem a sua gloria e será com ellas que o seu nome ha de sobressahir da vulgaridade com a inteireza solida do incontestavel.

Junho de 1907.

GONZAGA DUQUE.

EXPOSIÇÃO DE S. LUIZ--1904

MEDALHA DE OURO CONFERIDA Á «KOSMOS»



UNITED STATES OF AMERICA
UNIVERSAL EXPOSITION SAINT LOUIS MDCCCIV
COMMEMORATING THE ACQUISITION OF THE LOUISIANA TERRITORY
THE INTERNATIONAL JURY OF AWARDS HAS CONFERRED A
***** GOLD MEDAL *****
UPON
JORGE SCHMIDT
ILLUSTRATED PUBLICATIONS

John Skiff
DIRECTOR OF EXHIBITS

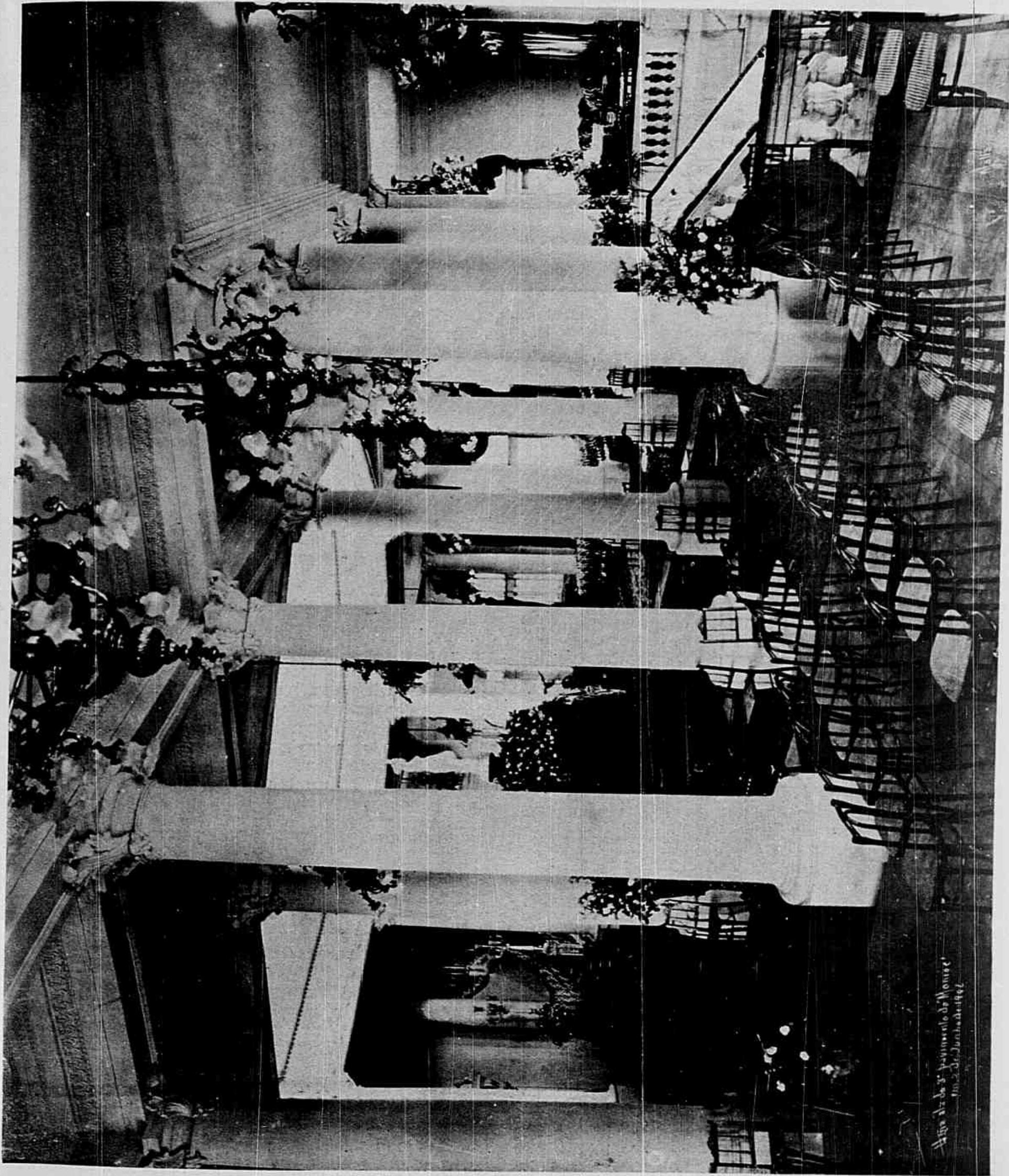
Edward F. Casey PRESIDENT
LOUISIANA PURCHASE EXPOSITION COMRADE

Walter B. Stevens
SECRETARY

J. A. Williams
CHIEF OF DEPARTMENT OF LIBERAL ARTS

ALABAMA ARIZONA ARKANSAS CALIFORNIA COLORADO CONNECTICUT DELAWARE DISTRICT OF COLUMBIA FLORIDA GEORGIA ILLINOIS INDIANA IOWA KANSAS LOUISIANA MAINE MARYLAND MASSACHUSETTS MICHIGAN MINNESOTA MISSISSIPPI MISSOURI MONTANA NEBRASKA NEVADA NEW HAMPSHIRE NEW JERSEY NEW YORK NORTH CAROLINA NORTH DAKOTA OHIO OKLAHOMA OREGON PENNSYLVANIA RHODE ISLAND SOUTH CAROLINA TEXAS VERMONT VIRGINIA WISCONSIN WYOMING

O PALACIO MONRÖE



Ata da 3ª Sessão do Conselho de Monröe
em 26 de Junho de 1944

ORNAMENTAÇÃO DO PALACIO PARA A FESTA DA DISTRIBUIÇÃO DAS MEDALHAS AOS EXPOSITORES


 UMA ESTATUA

A mocidade academica do Recife, saudosa do Mestre que as ambições e os revezes partidarios sempre arredaram da cathedra, ora se congrega e se empenha, no afan de erigir culturalmente a estatua de Martins Junior, cujo nome foi a legenda e o santelmo, a esperança mais destacada e mais enganadora dos moços republicanos da legião nortista, quando veiu despertal-os do sonho da propaganda, mal definido e incerto, o clarim victorioso do 15 de Novembro.

Pernambuco está reivindicando em cinzas, na quietude fatalista da sua miseria, na sua apathica renuncia aos ideaes glorificados pelo verbo incendiario dos comicios, a flamma que elle viu oscillar, esmorecer, a pouco e pouco se extinguir, batida inexoravelmente de todas as rajadas e todos os rigores da sorte.

Nas linhas monumentaes do bronze ou do marmore não tenta agora o cinzel reconstituir o gesto e o feito de um heroe, destemeroso paladino da Justiça errando por entre as iniquidades e as vilezas humanas ou agüta real de conquistas e devastações memoraveis, nem se dispõe a lembrar o isolamento de um sabio que houvesse arrancado ao infinito mysterio das cousas e dos seres uma verdade nova, ou a clarividencia do legista a quem devesse um povo as taboas da sua lei, ou apenas o instante em que vibrasse com a luz e com ella fugisse a alma sonora de um bardo á flor das suas estancias. Dest'arte indagareis o que se vae, então, perpetuar de um golpe ou de um jacto, se attentardes acaso na cinzeladura ou na moldagem da estatua, na torrente dos metaes amalgamados e fundidos ou no ancioso retoque a supprimir imperfeições e arestas. E enquanto o bloco se adelgaça e transparece o contorno remordido pelo buril, toda aquella existencia de novo se corporisa em seu relevo de amargura, infunde a mesma piedade e se engolfa no mesmo sorvedouro, em sua predestinação irresistivel para a Desgraça, quebrados os sellos á urna funeraria onde murcham as corôas de violetas das sagrações tardias. O que se vae perpetuar, sabei-o, é o desalento, a agonia, o doloroso eclipse de uma figura acclamada, a principio, como a de um eleito para a notoriedade e a refulgencia dos suc-

cessos mais offuscantes. Ainda uma vez mentiu o horoscopo, soletrado por milhares de boccas e recresceu com a desillusão de toda a gente o infortunio desse homem que falhou na vida politica, na vida litteraria, na propria vida intima. Em torno d'elle zuniram para logo, como frechas certeiras, os aleives e os remoques; silvaram os dichotes crueis; romperam as hostilidades da caricatura e do commentario... Os idolos não baqueiam na solidão, nem se amortalam no silencio, antes que a fereza collectiva, por se vingar da supremacia decahida. lhes deixe a purpura enlameada. Reavivar esse traço da psychologia das multidões é advertir caridosamente os que trazem aos pés, subjugada, a Chimera flammejante da popularidade.

Aos vinte e poucos annos poderia Martins apropriar-se da imagem de Stuart Mill, sem demasias de orgulho nem requintes de phylaucia. Era com effeito um barco solidamente aparelhado para as viagens mais aventurosas, para os mais renhidos combates, á espera do sopro que lhe enfunasse as velas. Nas justas academicas, perante uma congregação rendida áquelle saber luzidio e juvenil, conquistara sem esforço a laurea de concursos em que, desbaratados um por um os oppositores, fulgurava o seu nome de vencedor e Unico sobre a má vontade, o preconceito, a caturrice e o dogmatismo inflexivel dos tradicionalistas. Rejeitava esse nome o governo imperial, temendo a propaganda a semear do alto da cathedra, na formosa dialectica do jurista quasi imberbe, os principios demolidores, as ideas subversivas—e toda a murmuração do escandalo se convertia para Martins num sussurro admirativo, a exalçal-o por sobre a intolerancia e a injustiça do throno vacillante. O throno ruiu, mas dessa ruina Martins não soube fazer o plintho do seu mando omnipotente, o aureo degrão da sua fortuna politica, a exemplo de Castilhos e de outros.

Ha glorias que se acantôam ou, melhor, se acastellam na muralha sagrada do Livro. São formas hieraticas de celebridade, *quæ tangi non possunt*, mesmo num rastejar, num requestar pressuroso de lisonja; são miraculosas flores espirituaes desabotando em pleno ether, no cimó de escarpas inaccessiveis, sobre despenhadeiros, avalanches, mares tempestuosos, e cujo pollen de oiro, trazido pelo vento das montanhas, faz logo reflorir o descampado que lavramos do amanhecer ao sol posto.

Nessa culminancia tanto se accomoda a perfeita magestade quanto o desespero das Musas illuminadas... Só atravez do fumo espesso e ondeante é que, rugindo na sua tripode, a Sibylla de face contorcida e olhos

desvairados braceja, ulula, decifra o enigma das vidas humanas. É a estrella annunciadora scintilla bem alto, lá onde não chegam o clamor e o tropel das nossas refregas, mesmo quando as estrellas nos guiam a outros destinos pelo caminho florido e suave das lendas.

Será porventura menos decisiva e efficiente a obra dos pensadores assim reclusos num ideal? Não o acrediteis. O solitario de Kœnisberg imprimiu nova direcção ás forças intellectuaes do Occidente e apenas sahia de casa ao entardecer, para dar o seu passeio habitual sob as frondes do jardim publico. As mais tumultuosas correntes que assoberbam a historia dos nossos dias, as correntes devastadoras que attingiram e deslocaram instituições archaicas, de base formidavel, projectando a sombra de costumes inveterados atravez dos seculos, remontam ao sereno trabalho de alguns philosophos, cuja existencia fluiu no isolamento e na meditação do seu gabinete. Nem revoam por aqui phantasias de chronista. A lição é de Gabriel Tarde, o sociologo consideravel do Instituto de França, homem de estatistica e de boa doutrina, massiço constructor de theorias massiças.

A esse recolhimento, no qual sussurram as abelhas mais laboriosas e diligentes, estava fadado Martins por sua aristocracia de intelligencia e de character, fina reserva no trato, sensibilidade incompativel com as tendencias e expansões grosseiras da plebe. Mas não resistiu á volupia dos primeiros successos oratorios, e em vez de se fechar na concepção, nos segredos de estructura, no amoroso labor de uma obra duravel, foi arengar como Demosthenes ás massas... Que é das suas orações, algumas dellas verdadeiramente admiraveis, desdobrando-se num largo estylo revoltoso e descriptivo, em que havia arremessos de escaladas titanicas, o estrondo e o embate de vagas ameaçadoras contra os penhascos, visões de propheta e vozes de batalha, um faiscar de gladio rutilo e cortante acenando á Victoria, e a apothéose final da Republica, sempre a mesma, sob a chuva de oiro das metaphoras candentes? Todas ellas se fundiram e se perderam no estrepito da vida urbana, em que tanta coisa sublime e tanta coisa graciosa se perdem. As turbas só amam o fogo artificial dos discursos emquanto se desenha, e estraleja, e rebrilha vistosamente nos ares. Mais do que elle dura a canção, ephemera como é, pois já ninguem recorda as apostrophes sollemnes de Vergniaud e ainda ha corações que se alvoroçam, tristezas que se embalam á musica da — *Chantez, ma belle!* Sobretudo a cançoneta, repintada a carmim, de saio a esvoaçar na luz das gambiarras, não trocaria a

sua longevidade, comparavel somente á das cançonetistas, por essa hora de applauso e poeira da eloquencia das ruas. Ides agora exumar a gloria ciceroniana, jámais embaciada e sempre diamantina entre as cinzas de uma lingua morta. Provavelmente nos entenderemos, quando reapparecerem na tribuna de um Senado as Catilinas de Cicero. Quanto á eloquencia do pobre Martins, não raro caudalosa ou fulgurante, apenas deixou entre os ouvintes a lembrança vulgarizada numa phrase banal: «Como fallava bem aquelle rapaz!»

Sobre a actividade politica de Martins, a opinião dos homens sizudos que distribuem os empregos e elaboram os orçamentos generalisou-se em duas palavras: «Um desastrado...» Não foi elle talvez, outra coisa, ou antes as forças indefinidas mas innegaveis do Acaso nunca se combinaram tão perversamente, accumulando sobre alguém tamanhos desastres. Alphonse Daudet, o amavel psychologo a cada instante reeditado e relido, observa que a existencia mais venturosa, como tambem a mais obscura ou vergada ao peso dos males, terá sempre um minuto de alegria intima ou de evidencia triumphal, que é ao mesmo tempo a sua plenitude, o seu fastigio e o começo do seu declinio. Por duas ou tres vezes, Martins Junior conheceu na terra pernambucana a suprema vertigem das alturas sociaes, e quando o imaginavam mais aferrado ao leme da sua náó, elle se despenhava inexplicavelmente no ostracismo entre o gaudio explosivo e a surriada esfusante dos adversarios. Enfeixou nas mãos todos os poderes; teve aos pés, rojando, quasi todas as influencias locais. Porque lhe faltasse a disciplina da Vontade, a rigida e masculina disciplina moral dos espiritos organisadores, nada conseguiu disciplinar e submeter. Foi um dispersivo e foi um impulsivo, abandonando posições estrategicas, não apertado pelo assedio inimigo, ou ante o rude exterminio das suas fileiras, mas por ausencia de tacto nas relações officiaes, gestos de arrogancia e mostras de auctoritarismo inoportuno, descaso, irreflexão ou zedume de momento, nevrose fecunda em puerilidades e caprichos, teimas da sua indole obstinada num falso *point d'honneur* de que se arrependeria mais tarde.

Atravez das letras juridicas, o seu talento não chegou a systematisar e construir, sobre os materiaes de uma erudição desaproveitada, a esfarellar-se toda em cousas de jornal, manifestos á terra de Frei Caneca, improvisos de esquina ou de varanda. Nem estadista, nem jurisconsulto, elle sossobrou por igual na Poesia, oceano em cujas agoas traiçoeiras

mergulham tantos genios votados ao esquecimento e á indiferença dos sublunares de amanhã. Quantos pescadores de perolas sobrenadam nesses mares, por onde a crespá e fina arborescência dos coraes, a esgalhar-se mysteriosamente, não é senão um escolho para o navegante? Aquella tentativa de uma poesia scientifica esboçada por Martins nas *Visões de hoje* realisou apenas a figura criminal da tentativa por meios inidoneos, tão controvertida entre allemães e italianos: o instrumento não servia ao delicto...

Os ultimos annos dessa Vida angustiosa, desviada bruscamente do seu curso pela mobil mão da Fatalidade, que tudo impelle ou escreve e passa adeante, como no romance de Hall Caine, foram de exilio e de renuncia. Um grupo de amigos taciturnamente fieis, desses que ainda visitam os mortos queridos aos domingos; o lar destruido; uma grande aspiração desfeita, eis quanto restava das pompas sociaes de Martins.

Elle fugiu de vez á curiosidade exasperadora da turba que o havia out'rorá deificado — e veiu occultar no Rio, com a tristeza da sobrecasaca poida, o erro do seu fracasso.

A provincia não arroja só á capital remodelada e sumptuosa a horda famelica dos invasores devorados pelas ambições de opulencia ou de successo. Vêm ali, no exodo, os que preferem abysmar-se neste sorvedouro a tragar caladamente na sua terriola as duras humilhações da ascendencia perdida; vêm os despeitos recalcados no silencio em que refervem odios: vêm o credito fallido na voragem das transacções aleatorias e a honra dilacerada numa publicidade affrontosa; vêm

a loucura a emergir do fundo insondavel dos carcerees e a melancholia dos sonhos extinctos, os farrapos da virtude conjugal e o desespero do esforço impotente ou do orgulho abatido. Essas figuras espectraes ou burlescas passam: deixae-as passar na sua magua. Vivem: deixae-as viver na sua penuria. Logar aos que chegam mutilados assim pelo Destino!

Martins viveu e passou atravez da cidade na mesma legião de anonymos soffredores... la portas afóra, sem rumo, abstracto e acurvado na treva, a exhalar numa confidencia ou num soliloquio de noctambulo, as decepções do seu grande talento incomprehendido, as amarguras da sua alma desbordante de fel. A Morte cerrou-lhe emfim os olhos, piedosamente, com os longos dedos magneticos e seraphicos, tal como a idealisava a musa de Beaudelaire. Então as gazetas lembraram o que se perdera naquelle estertor de moribundo, o que se esvaira na fuga daquella sombra — e a mocidade das escolas, reivindicando afinal o despojo, envolveu numa onda de prantos e de rosas o corpo fragil do Mestre.

Querem agora perpetuar esse nome e essa Dor no marmore ou no bronze. A victoria de Martins foi na realidade uma Victoria deformada, evocando assim as que surprehendemos, ao retinir do alvião, no desaterro das cidades antigas, mas nem só aos triumphadores ha de servir e honrar o cinzel, instrumento soberano das consagrações em alto ou baixo relevo. Sobre os immensos escombros da lenda pernambucana é justo que vejamos altear-se a melancholica estatua desse Vencido.

CELSE VIEIRA.



Patriarchas Invisiveis

FOI no meio de uma associação secreta que primeiro se cogitou de trabalhar para a independencia do Brasil. Foi ainda uma sociedade secreta que manteve o predomínio dos Andradas no governo.

Aquella foi destruida por José Bonifacio —a Maçonaria.

A outra, instituida por elle —o Apostolado —quebrou se ás ferreas mãos de Pedro 1º —quando a sollicitações de Domitilla, demittido o ministério converteu-se em um fóco de conspirações contra o throno.

Durante o periodo do primeiro imperio e depois, na Regencia essas associações —todas de fins politicos, se espalharam por todas as provincias, constituindo centros mais ou menos poderosos que diversa influencia tiveram nos destinos do Brasil.

Os movimentos subversivos que aqui e ali appareciam tinham a sua origem no meio dessas associações que congregavam em seu seio gente de todas as facções, exaltados animos que não trepidavam recorrer á violencia para a victoria dos seus ideaes.

Os documentos existentes em nossos archivos, muitos já publicados comprovam o papel assumido pela Maçonaria nos movimentos de 1817, 1821 e 1824 em Pernambuco e 1822 no Rio; pelo Apostolado em 1824; pelo Club Maiorista, Sociedade Militar etc. em differentes occasiões.

As revoltas que em 1842 se deram nas provincias de S. Paulo e Minas, foram tramadas no Rio de Janeiro, no seio de uma Sociedade Secreta que tinha por titulo —Patriarchas Invisiveis, installada em 15 de Abril daquelle anno, e que funcionava nas casas do senador José Bento Ferreira de Mello, Dr. José Pinheiro Guimarães e outros.

Vigilante o governo poude colher nas malhas de um inquerito varios dos associados processando-os e extinguindo por essa forma a sociedade.

Os estatutos dos Patriarchas que existem em manuscripto na Bibliotheca Nacional nos mostram quaes os seus fins, modo de angariar adeptos e forma da administração.

Diz o art. 1º:

«A associação é secreta e invisivel e tem por fim sustentar a independencia e a liberdade constitucional *por todos os meios que a razão e a necessidade aconselharem*,»

E' curioso o art. 2º:

«Haverão reuniões sob o nome de conselho, sem numero determinado de socios; cada um destes socios se chamará pai porque

deve gerar até cinco filhos, cada um destes filhos gerará por seu turno outros cinco filhos e assim por deante.

Nenhum filho poderá conhecer seus irmãos mas sómente o pai que o gerou e a sua propria descendencia.»

Na entrada de um novo socio o presidente entregando-lhe um numero pelo qual seria conhecido dizia-lhe:

«Uma mão invisivel se enternecerá por vós em todos os vossos trabalhos e necessidades que forem dignos da attenção da Sociedade. Sêde fiel ou tremei, por isso que é invisivel essa mesma mão que vos quer fazer o bem. A associação em que entrastes é de todo o Brasil tendo vós por irmão todos os cidadãos honrados e verdadeiros amigos da terra em que nasceram.»

A associação tinha em cada provincia um Conselho Patriarchal constituido por 5 a 19 membros.

Nas cidades e villas formavam-se Circulos Patriarchaes designados por letras do alphabeto.

No Rio de Janeiro tinha séde o Conselho Patriarchal Central, cujo fim era corresponder se com os Conselhos provinciaes dando direcção á Sociedade.

Para pertencer á Associação eram requisitos indispensaveis: «moralidade, intelligencia, força d'alma, discreção, sincero affecto ás instituições livres do Brasil e á sua independencia, e capacidade de sacrificar-se pela causa publica.»

Os direitos consistiam «na protecção prestada pela sociedade mórmente em apertos politicos, eleições e demandas.»

Os deveres «guardar escrupulosamente sua promessa, velando attentamente na conducta do governo e na de seus empregados, avisar de tudo ao seu conselho ou circulo; prestar á sociedade o auxilio ou serviço que ella exigir e estiver ao seu alcance; cumprir sem hesitar o que por ella lhe fôr ordenado e finalmente conservar o symbolo na maior guarda e segredo.

Entre as pessoas que frequentavam a casa do senador José Bento Leite Ferreira de Mello observadas pela policia notam-se no sumario: Limpo de Abreu, Salles Torres Homem, João e José Pinheiro Guimarães, Antonio de Saldanha da Gama, Theophilo Ottoni, Chichorro da Gama, José Martiniano de Alencar Costa Ferreira, Castro Roso e outros muitos.

O processo foi iniciado no juizo municipal da 2ª vara pelo Dr. Bernardo Augusto Nascimento de Azambuja, em vista de um officio do chefe de policia Euzebio de Queiroz, dando conta dos factos observados, acompanhado de varios documentos.

Pelo juiz summariante foram pronunciados os seguintes cidadãos: Dr. Francisco de Salles

Torres Homem, senadores José Bento e José Martiniano de Alencar, conselheiro Limpo de Abreu, conego Geraldo Leite Bastos, Tristão Ramos da Silva, José Francisco Guimarães, Elizeu de Azeredo Coutinho, Gabriel Getulio de Mendonça, Francisco Alves de Castro Roso, Theophilo Ottoni membros do Conselho Central dos Patriarchas Invisiveis, e Gabriel Getulio Monteiro de Mendonça, tido como dos mais influentes membros da Associação, em 17 de Setembro de 1842.

Do despacho de pronuncia, já publicado no «Brasil Historico», se evidencia a participação dos Patriarchas nos movimentos de Minas e São Paulo, enviando armas por in-

termedio do Patriarcha Tristão Ramos da Silva negociante de ferragens, offerecendo cargos politicos de importancia com o fim de angariar adeptos, promovendo enfim o levantamento de rebeldes em diferentes pontos das duas provincias, ao mesmo tempo que na Côrte espalhavam os mais aterradores boatos.

Com o processo dos revoltosos de São Paulo e Minas e subsequente amnistia, desapareceu essa Associação que só deixou recordações nas paginas do volumoso processo a que deu causa.

1907

MARIO BHERING

ETERNA

Intérmino que fosse o caminho da Vida
E eterno o caminhar do nosso passo incerto,
Fosse na Estrada larga, ou fosse no Deserto,
Sem Lar, sem Paz, sem Pão, sem Sol e sem Guarida;

Intérmina que fosse a Estrada percorrida
Sob um Céu todo azul, ou de nuvens coberto,
E o Repouso fatal nunca estivesse perto
E a Distancia final nunca fosse vencida;

Que, vencendo ao caminho as urzes e os escólhos,
As lutas, o pavor e o canção do dia,
A fraqueza do passo e a tristeza dos olhos,

Meu pobre coração, nessa eterna anciedade,
Desse eterno viver, eterno arrastaria,
Esta triste, esta longa, esta eterna Saudade.

MARIO PEDERNEIRAS.

O pintor das Virgens

NESTE lindo mez de Maio, que tão lindamente vae deslizando por entre vicejamentos de veigas, maciez de azues celestes e caricias de brisas, até o momento em que traçamos estas notas, neste lindo mez em que a igreja catholica faz a sua festa da Virgem, não será desproposito escrever sobre o pintor das *Madonnas*.

Não ha no mundo civilizado quem o não conheça de nome, diremos mais, quem não conheça uma das suas Virgens Santas, que o celebrisaram, postoquê a sua grande arte, o



(Auto retrato de Raphael)

seu consagrado merecimento artistico esteja nas bellissimas decorações de S. Pedro de Roma, na igreja de Valle de Pace, nos retratos, nas composições do ultimo periodo da sua feliz e curta existencia, porque elle teve a felicidade de morrer moço e consagrado.

Foi aos desenove annos, em Perusa, quando ainda estava na officina do Perugino, que Raphael pintou a primeira virgem, conhecida por *Madonna Solly*. «E' uma obra timida, diz-nos Eugenio Muntz, concebida na mais pura tradição da escola de Perusa. A Virgem (representada a meio corpo e tendo um livro á mão) nada tem de notavel; offerece-nos um typo

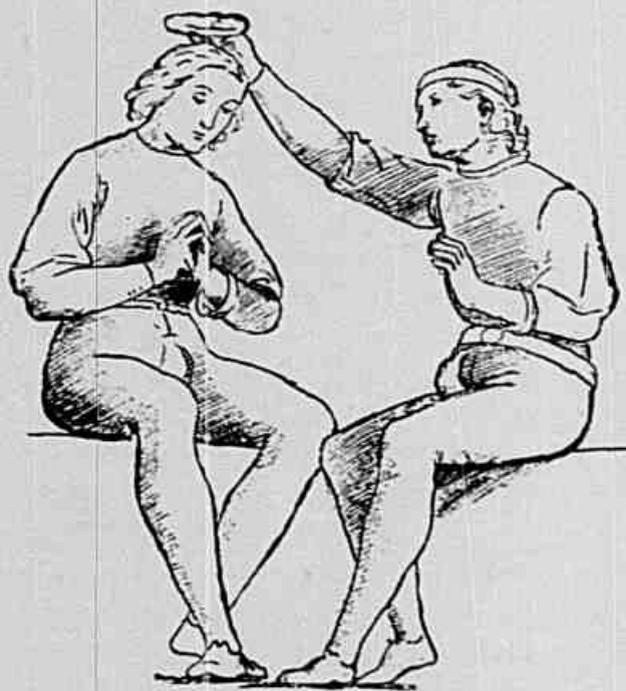
absolutamente convencional (nota-se-lhe particularmente a pequenez da bocca) e um costume que o não é menor: o vestido vermelho, o manto azul, da praxe pinturesca.»

Algum tempo depois, em 1503, uma dama, das mais ricas familias da Perusa, chamada Magdalena degli Oddi, encarregou o joven artista de pintar para a igreja de S. Francisco, daquella cidade, uma *Coroação da Virgem*.

Foi com esse painel que o famoso filho da velha Urbino começou a sua obra, libertando-se da timidez com que se estréou. Conta-nos o seu biographo A. Gruyer que elle empenhou todas as suas forças no conseguimento daquelle trabalho.

Infelizmente para elle, não era possivel obter um *modelo aristocratico*, que lhe desse toda a delicadeza de pelle, toda a harmonia das proporções sonhadas para a composição desse typo. Os seus desenove annos difficultavam-no arranjar um modelo dessa classe. Então, para chegar ao resultado desejado, teve de se utilizar dos seus camaradas, adolescentes como elle, que se prestavam a *posar* para os estudos do quadro.

E' ainda o referido Sr. Gruyer quem nos conta a este respeito: Esses dois adolescentes de rostos imberbes e suaves, em vestes de atelier, calções e camisetas collantes, que não deixam perder nada das fórmulas elegantes da



Raphael, aos desenove annos, impossibilitado de arranjar um modelo que lhe conviesse, utilisou-se dos seus camaradas para os seus necessarios estudos. (Museu Wicar, em Lille).

extrema mocidade, se prestam com tanta boa vontade quanto intelligencia ao serviço que o artista lhes pedia. Não unicamente seus gestos são ingenuos e precisos, mas tambem seus traços tem alguma cousa de religião e fervor.

O que devia figurar de Virgem se inclina deante do outro, um pouco menos talvez do que foi feito no quadro; a sua cabeça está muito de frente, mas os braços estão collocados como devem estar, as mãos estão postas com o respeito que se exigiria, as pernas conservam, sobre o pannejamento do manto no painel, o movimento que estas aqui tem, da mesma forma os pés, que ficavam nús na imagem ideal.»

Raphael denotava com isso o seu interesse pelo estudo do natural, e a sua paixão pela copia do que via era tal que não desdenhava de copiar os mais humildes productos da Natureza. Tinha como os primitivos o culto da reprodução das formas, e como elles o fervor da crença, a ingenuidade que lhe davam os verdes annos de uma adolescencia vigiada em familia.

Devido a isso, talvez, é que os typos das suas Virgens desse tempo guardam uma apparencia primitiva.

A sua viagem a Florença, quando ali reinavam na arte, com o esplendor dos seus talentos, Leonardo da Vinci e Miguel Angelo, modificou-lhe a indole pela influencia do meio e mudou-lhe a feição artistica. Ao principio Chirlandajo preoccupou-o, depois foi Filippo Lipi e depois mestre Leonardo, a quem Raphael se afeicou de tal sorte deslumbrado pelo saber do grande artista que procurou imital-o servilmente.

As rivalidades entre os artistas desse tempo, a carestia da vida em Florença e o fausto da sua riqueza, levaram-no a procurar a amizade de Bartholomeu della Porta, um pintor entusiasta por Lavonarolla, que após a queda do reaccionario, foi viver obscuramente n'um convento, desilludido e cansado.

Esse foi o grande amigo de Raphael em Florença e, é de crêr, que á influencia da sua amizade devesse o Lanzi o ter-se libertado do enorme prestigio de Leonardo, prestigio que ia prejudicando a sua individualidade.

Florença era então, na feliz phrase de G. Carotti—*il gran centro solare dell'arte italiana del quattrocento*.—e ahi rebellava-se contra o classismo de Giotto e Fra Angelico, com o apoio dos mais ricos e cultos amadores das bellas-artes. Raphael sentia esse sopro rebelionario, mas a sua natureza contemplativa não o deixou participar das idéas dos rebelles, levou-o á innovação, procurando na plastica grega o typo que a sua sentimentalidade desejava.

A pouco e pouco a sua obra começa a surgir, a se inculcar, a se impôr. Por enquanto

ainda se lhe notam retornos, que lembram o Pinturicchio e o proprio Leonardo; mas, em 1504, a *Madonna Conestabile* veio affirmar o vigor do seu individualismo, acompanhada pouco tempo depois, pela *Madonna de lord Cowper*, tambem chamada *Madonna da casa Nicolini*.

Segundo W. Bürger o que mais se recom-



MADONNA LORD COWPER castello de Panshanger, perto de Hetford

menda nesse quadro é o «modelado do menino cuja cabeça, sobretudo, é extraordinaria. A santa alegria que illumina seu rosto é communicativa, nada tem de mysterioso e sobre-humano.» Sem duvida que a representação do menino Jesus, por esse forte e alegre typo de *bambino* tem grande importancia, quer considerada a época da sua feitura, quer a alegria que elle communica ao quadro; mas, o typo da Virgem ali tem uma tranquillidade humana, o quer que seja de confiante e feliz, verdadeiramente contrastavel com a interpretação da maioria dos artistas anteriores.

Com a Virgem do Prado, Raphael vence todas as difficuldades, a custa de dedicação e esforço.

Escreve Muntz: *Mais quelle beauté accom-*

plie de la figure de la Vierge! Comment décrire cette physionomie à la fois douce et fière, le galbe de ces épaules que la robe laisse à découvert, l'élégance de ces mains souples et effilées! Raphael a dérobé ici à Léonard le secret de la grace.

Já por esse tempo Raphael comprehendera que o segredo do successo estava no esforço empregado. Ouçamos ainda o mesmo auctorizado escriptor, dos mais notaveis em taes assumptos e reconhecidamente imparcial:

«Nulle trace d'effort dans la MADONE AU CHARBONNERET, et cependant l'artiste a longuement cherché le groupement, que nous paraît si élégant, si facile. Une demi-douzaine de dessins nous montrent les phases par lesquelles la composition a passé avant d'aboutir au tableau..... Les idées que Raphael jette sur le papier paraissent parfaites du premier coup, mais le maître, et voilà ce qui fait sa grandeur, cherche, cherche toujours.»

Com esse processo a sua técnica ia se avantajando a dos seus ardentes emulos e a sua individualidade accentuando-se de vez a mais. As suas *madonnas* libertavam-se das recordações dos mestres, dos principios theologicos e da rotina dos pintores mysticos. Não é mais a fria imagem da mulher santa, tão fria que chegava a parecer insexualizada, desprendida dos cuidados maternos. Agora, é a mãe carinhosa que elle pinta, a mãe moça e feliz por se rever no sadio filhinho bem amado, uma Virgem Mãe por elle creada, cujo typo exprime o amor, a graça, a maternidade n'um admiravel conjuncto que é a união da belleza antiga com o sentimento do christianismo, ou a conciliação da belleza plastica com a pureza moral, no dizer de Louis e René Ménard.

E' isso o que vemos na Virgem dos Cravos, nessa formosa e risonha *Vierge à l'œillet*, cujo original se perdeu, na Virgem de Estarazy e em todas as demais *madonnas* que sahiram dos seus maravilhosos pinceis.

Em 1508 Raphael entrava em Roma. Julio II encommendára a Bramante a reedificação de S. Pedro, a Miguel Angelo o mausuléo papal e o tecto da Capella Sextina, a Raphael a decoração do palacio apostolico. Não é, porem, nosso intuito falar da sua carreira artistica, mas unicamente das suas pinturas da Virgem; por isso deixemol-o compondo a parte mais extraordinaria da sua obra immortal, essa estupenda decoração que o mundo admira é uma das glorias da genealidade italiana. Vejamol-o nos seus quadros de *madonnas*.

Diz G. Carotti: *Raffaello, nonostante la varietà dei soggetti e dei generi di pittura che trattava, ritornava sempre con vero compiacimento, con vera passione, ai temi religiosi e particolarmente alle Madonne.*

Assim é que, de 1508 a 1520, pintou nada menos de dez Virgens, entre as quaes se destacam as formosas *Madonna della seggiola* e a *del diadema*, o ultimo gráo attinivel da



VIRGE-A L. OILLET

(Original perdido) Cópia de uma gravura tirada da obra de Muntz: Raphael, sa vie, son œuvre et son temps.

belleza feminina sob o resplendor da pureza.

«Il était réservé à Raphael, escreveu Arsène Houssaye, d'accomplir la -Madonne, effleurée ou ebauchée seulement jusqu'à lui, d'accorder en elle les sublimités religieuses du catholicisme aux plus parfaites harmonies de la beauté physique, et de la faire planer, en quelque sorte, dans une assumption pondérée, à égale distance du ciel et de la terre, d'un idéal trop mystique ou d'une réalité trop vulgaire.»

Não obstante a enorme lista de suas Virgens, não ha duas que se pareçam, afirma o Sr. Muntz, tal a variedade de seus typos, da sua composição e das expressões que traduzem. E reunindo este facto á pureza do seu desenho, á rigorosa harmonia da sua composição, á intensidade serena do seu colorido, temos nelle o mais completo pintor da Renascença. Mas, para o publico, elle foi e será sempre o *Pintor das Virgens*.

A titulo de curiosidade aqui damos a enumeração das *Madonnas* deixadas pelo fundador da escola romana, o inexcédível pintor da Fornarina.

De 1500 a 1504: *Madonna col Bambino*, *Madonna Lolly* a *Conestabile*.

De 1505 a 1508: *Madonna del Gran Duca*, a *di casa Tempi*, a *Corsper*, a *di casa d'Orleans*, a *Ansidei*, a *di S. Antonio*, a *Terranova*, a *Diotalevi*, a *del prato*, *La belle jardinière*, a *del Cordellino*, a *Canigiani*, a *dell'a-*



VIERGE A LA CHAISE

Estudo para a Santa Família de Francisco I.

gnello, a *Bridgewater*, a *Colonna*, a *dell'Eremitaggio*, a *della palma*, a *Esterhozy*, a *del Baldacchino*.

De 1509 a 1520: *Madonna di casa d'Alba* a *Aldobrandini*, a *Rogers*, a *del diadema*, a *di Foligno*, a *del divin amore*, a *del seggiola* a *del peccé*, a *del candelabri*, e a *di S. Sisto*. Sem contarmos os quadros da Santa Família e outros assumptos religiosos.

Maio de 1907.

AMERICO FLUMINENSE.

POR DARWIN

(CONTINUADO DO N. 4 D'ESTE ANNO)

CAPITULO V

A respiração nos carangueijos terrestres

ENTRE os numerosos factos da historia natural dos crustaceos, sobre os quaes a theoria de Darwin projecta uma nova e viva luz, além das duas formas de machos no nosso *Tanaís* e em *Orchestia darwinii*, ha um que me parece de particular importancia, á saber, o character da cavidade branchial dos carangueijos aerobios, dos quaes, infelizmente, eu não pude investigar alguns dos mais notaveis (*Gecarcinus*, *Ranina*). Como este character, isto é, a existencia de uma entrada postero-branchial, tem sido attribuido até aqui, como um facto, sómente á *Ranina*, eu me espriarei sobre elle, um tanto detalhadamente. Já mencionei que, tal como na verdade é necessario á theoria de Darwin, este orificio de entrada é produzido de diversos modos, nas familias differentes.

No carangueijo — Rã (*Ranina*) do Oceano Indico, que, segundo Rumphius, gosta de trepar ao tecto das casas, o orificio anterior falta completamente segundo Milne-Edwards, e a entrada de um canal que se abre para dentro das partes ultimas da cavidade branchial, está situada debaixo do inicio do abdomen.

O caso é o mais simples em alguns dos Grapsoideos, como em *Aratus pisonii*, um encantador, vivo carangueijo que trepa sobre os ramos do mangue (*Rizophora*) e rõe as suas folhas. Por meio das suas curtas mas notavelmente agudas garras, que ferem como alfinetes, quando elle corre sobre as mãos, este carangueijo trepa, com a maior agilidade, sobre os mais delgados sarmentos. Uma vez, tendo eu um destes animaes pousado sobre a minha mão, observei que elle levantava a parte posterior da carapaça; e que assim abria uma larga fenda em cada lado, acima do ultimo par de patas, pela qual eu podia ver longe, dentro da cavidade branchial. Depois eu não pude obter uma outra vez este notavel animal, mas, em compensação, repeti frequentemente a mesma observação sobre um outro da mesma familia (apparentemente um verdadeiro *Grapsus*), que vive em abundancia sobre as rochas da nossa costa. Emquanto a parte posterior da carapaça se eleva formando a supra-mencionada fenda, a parte

anterior parece afundar e, estreitar ou impedir o orificio anterior de entrada. Debaixo d'agua nunca se dá a elevação da carapaça. Por isso o animal abre a sua cavidade branchial, pela frente ou por traz, conforme tenha de respirar n'agua ou no ar. Como se effectua a elevação da carapaça eu não o sei, porém, creio que um sacco membranoso, que se projecta da cavidade somatica, muito além, pela cavidade branchial, por debaixo da parte posterior da carapaça, enfuna pela impulsão dos fluidos do corpo, produzindo com isso a elevação.

Tambem observei a mesma elevação da carapaça em algumas especies dos generos alliados, *Sesarma* e *Cyclograpsus*, que cavam profundos buracos na terra dos pantanos e frequentemente passeiam sobre a lama humida, ou estacionam, como se estivessem montando guarda, á entrada das suas tócas. Deve-se, entretanto, esperar muito com estes animaes, quando retirados d'agua, antes que abram ao ar a sua cavidade branchial; porque elles possuem um admiravel mechanismo, por meio do qual podem continuar a respirar n'agua por algum tempo, quando fóra d'esse meio.

Os orificios para a sahida da agua que servio á respiração, acham-se situados, n'estes, como em muitos carangueijos, nos angulos anteriores da armadura oral («cadre buccal», M. Edw.), enquanto que as fendas de entrada da cavidade branchial, se projectam dos seus angulos posteriores para cima do primeiro par de patas. Agora, essa porção da carapaça que se projecta aos lados da bocca, entre os dous orificios («regiões pterygostomianas»), parece, nos nossos animaes, ser dividida em pequenos compartimentos quadrados. Milne Edwards já salientou esse facto como uma peculiaridade particularmente notavel. Esta apparencia é produzida, parcialmente, por pequenas elevações tuberculares e parcial e especialmente, por curiosos pellos geniculados, os quaes, até certa extensão, constituem uma fina rede ou peneira de pellos, estendida immediatamente na superficie da carapaça. Assim, quando uma golfada d'agua escapa da cavidade branchial, immediatamente se diffunde n'essa reticulação de pellos e, então, é de novo reconduzida á cavidade branchial, pelos movimentos vigorosos do appendice do maxillipe externo, que funciona na fenda de entrada. Emquanto a agua escôa desse modo sobre a carapaça, sob a forma d'uma delgada toalha, se satura tambem de oxygeno e, pode então servir, outra vez, aos fins da respiração.

Afim de completar este arranjo os maxillipedes externos, como na verdade já é sabido de ha muito, supportam uma carena proeminente, provida de uma densa franja de cabellos, a qual começa na frente, proximo á linha

mediana e passa para traz e para fóra, seguindo até o angulo externo da armação oral. Assim, as duas rugas da direita e da esquerda formam, juntas, um triangulo com o vertice virado para frente,—um quebra mar pelo qual a agua fluente da cavidade branchial é afastada da bocca e, reconduzida áquella cavidade.

Em atmospheria muito humida, a provisão d'agua contida na cavidade branchial pôde durar horas e, só depois que ella foi gasta, o animal eleva a carapaça, afim de permittir que o ar tenha accesso ás suas branchias, pela parte posterior.

Em *Eriphia gonagra*, os orificios de entrada da cavidade respiratoria que servem para a respiração aerea, são situados, não, como nos *Grapsoidæ*, acima, porém atraz do ultimo par de patas, nos lados do abdomen.

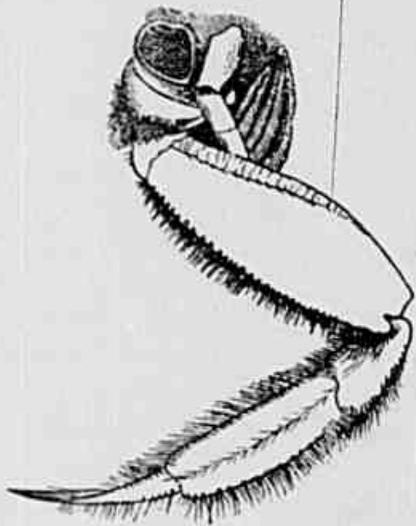


FIG. 12—Entrada posterior da cavidade branchial de *Ocypoda rhombea*. Fab., em tamanho natural; a carapaça e a quarta parte do lado direito foram retirados.

Os celeripedes *Espia-Marés* (*Ocypoda*) são animaes exclusivamente terrestres, e apenas resistem por um dia na agua; em um período muito mais curto, ocorre-lhe um estado de relaxamento completo e cessam todos os seus movimentos voluntarios. (1) N'estes, um mecanismo peculiar nas patas do 3º e 4º pares (fig. 12), é de ha muito conhecido, comquanto, a sua conexão com a cavidade branchial, não tenha sido suspeitada. Estes dous pares de patas, são mais estreitamente proximos do que os restantes; as superficies oppostas das suas juntas basilares (portanto a face posterior do 3º e, a anterior do 4º par) são lisas e polidas, e suas margens supportam denso debrum de pellos longos, sedosos e peculiarmente constituidos (fig. 13). Milne

Edwards que, perfeitamente, compara estas superficies, quanto á sua apparencia, com as superficies articulares, pensa que ellas servem para diminuir a fricção entre as duas patas. Considerando esta interpretação, o problema não podia deixar de interjectar, porque tal dispositivo para minorar a fricção seria necessario á estes carangueijos especiaes e entre estas duas patas, deixando fóra de consideração o facto de que as notaveis escovas de pellos, as quaes, ao contrario, de vem augmentar essa fricção, tambem ficariam inexplicaveis. Porém, estando eu mexendo com as patas de um grande *Espia-Maré*, para lá e para cá, em varias direcções, afim de ver em que movimentos do animal, teria logar a fricção no ponto indicado e, se estes poderiam, talvez, ser movimentos de particular importancia para elle e como isto se daria, notei, quando esticava as ditas patas, separando-as grandemente, na cavidade entre ellas, um orificio redondo, de consideravel tamanho, pelo qual não só o ar poderia facilmente introduzir-se na cavidade branchial, como por elle poderia ser passada uma vara de pequenas dimensões. O orificio se abre na cavidade branchial por traz d'um lobo conico, que fica acima da terceira pata no logar d'uma branchia ausente nos *Ocypoda*. Elle é limitado lateralmente por cristas, que se elevam acima da articulação das patas, e ás quaes se applica a margem inferior da carapaça.

Exteriormente, tambem, ella é recoberta por essas cristas, com excepção de uma estreita fenda. Esta é sobrepujada pela carapaça que, exactamente n'esta parte se projecta mais para baixo do que em qualquer outra; e assim fica formado um tubo completo. Enquanto em *Grapsus* a agua só consegue chegar ás branchias pela frente, em *Ocypoda* eu a vi ali chegar pelo orificio agora descripto.



FIG. 13—Pontas de alguns dos pellos da junta basilar da pata, augmentadas de 45 decímetros.

(1) Como isto não era observado no mar, porém, n'um vaso de vidros contendo agua do mar, pôder-se-hia suppor que os animaes se tornassem exhauridos e morrossem não porque estivessem debaixo d'agua mas porque tivessem gasto todo o oxygeno que ella continha. Por isso, eu puz dentro da mesma agua, da qual acabava de retirar um inerte *Ocypoda*, lá em as pernas mollemente penduradas, um especimen de *Lupea divaricata* que fóra reduzida ao mesmo estado por ter sido mantido ao ar, e esta restabeleceu-se n'agua do mesmo modo que o *Ocypoda* no ar.

Na posição do orificio de entrada posterior e concomitantes peculiaridades do 3º e 4º pares de patas, duas outras especies não aquaticas da mesma familia, que eu tive a oportunidade de examinar, se assemelham á *Ocypoda*. Uma d'ellas, talvez, *Gelasimus vocans* que vive nos bréjos dos mangaes, e que garante a entrada da sua tóca com uma espessa chaminé cylindrica, de muitas pollegadas de altura, tem as escovas das juntas basilares das patas em questão, compostas de pellos ordinarios. A outra, — um *Gelasimus* menor, não descripto na « Historia Natural dos Crustaceos » de Milne Edwards e que, prefere logares mais seccos, não receiando correr na areia ardente, sob os raios verticaes do sol de meio dia, em Dezembro; e pôde tambem supportar a immersão n'agua, ao menos por muitas semanas, — assemelha-se á *Ocypoda* em ter essas

FIG. 13—Pontas de alguns dos pellos da junta basilar da pata, augmentadas de 45 decímetros.

(1) Como isto não era observado no mar, porém, n'um vaso de vidros contendo agua do mar, pôder-se-hia suppor que os animaes se tornassem exhauridos e morrossem não porque estivessem debaixo d'agua mas porque tivessem gasto todo o oxygeno que ella continha. Por isso, eu puz dentro da mesma agua, da qual acabava de retirar um inerte *Ocypoda*, lá em as pernas mollemente penduradas, um especimen de *Lupea divaricata* que fóra reduzida ao mesmo estado por ter sido mantido ao ar, e esta restabeleceu-se n'agua do mesmo modo que o *Ocypoda* no ar.

escovas compostas de delicados pellos não setiformes, realmente mais delicados e mais regularmente construídos do que em *Ocypoda* (1). Qual seja a significação d'estes pellos peculiares, — se elles sómente afastam corpos extranhos da cavidade branchial, — se fornecem humidade ao ar que passa por elles, — ou se, pois que o seu aspecto, especialmente no *Gelasimus* pequeno, lembra um dos filamentos olfactivos dos Carangueijos, elles podem também exercer semelhantes funções, — são problemas, cuja devida discussão, nos conduzirá demasiadamente longe do nosso assumpto. Contudo, deve se notar que, em ambas as especies, particularmente em *Ocypoda*, os filamentos olfactivos, na sua séde ordinaria, são muito reduzidos e, quando n'agua, os seus flagellos jámais executam os peculiares movimentos oscillatorios que podem ser observados n'outros carangueijos e, mesmo, no *Gelasimus* maior; além disso, os órgãos do olfacto devem, provavelmente, ser vistos nos carangueijos que respiram o ar, como nos Vertebrados que respiram o ar, na entrada da cavidade respiratoria.

Basta para os factos que se referem á respiração aerea dos carangueijos. Já foi indicado porque a theoria de Darwin requer que quando quaesquer mecanismos peculiares existam para a respiração aerea, estes sejam differentemente construídos nas familias differentes. Que a experiencia esteja de perfeito accordo com esta exigencia, é um facto maximo em favor de Darwin, porque os escolasticos, não podendo prever ou explicar tão profundas differenças, devem, antes, consideral-as como extraordinariamente surprehendedentes. Se, nas familias estreitamente alliadas, Ocypodidae e Grapsoidae, a mais estricta semelhança prevalece em todas as condições essenciaes de sua estructura; se o mesmo plano de estructura é servilmente seguido em todas as outras cousas, nos órgãos dos sentidos, na articulação dos membros, em cada trabecula e tufo villosa, na complicada armação do estomago e, em todos os arranjos subservientes á respiração aquatica, mesmo até nos pellos dos flagellos empregados no asseio das branchias, — porque é que temos, de repente, esta excepção, esta differença completa, concernente á respiração aerea?

Os escolasticos apenas terão uma resposta para este problema, a não ser que se colloquem sobre a base theologica-teleologica, que justamente cahio em desconceito para nós; e

segundo a qual o modo de produção de um mecanismo, é supposto explicado, se a sua «adaptação» ao animal póde ser demonstrada. D'este ponto de vista, podemos certamente dizer, que uma fenda amplamente aberta, que nada possuia de prejudicial para *Aratus pisonii* entre as folhas dos ramos do mangue, não éra conveniente aos *Ocypodas*, vivendo na areia; que no ultimo, a fim de prevenir a penetração da areia, o orificio da cavidade branchial devesse ser collocado na sua parte infima, dirigida para baixo e, occulta entre largas superficies debruadas de protectoras escovas de cabelo. Está longe da intenção d'estas paginas entrar n'uma refutação geral á esta theoria da adaptação. Realmente, pouco ha de essencial á acrescentar ás muitas e admiraveis observações que foram feitas sobre este assumpto, desde o tempo de Spinnosa. Mas, note-se que eu considero como um dos mais importantes serviços da theoria Darwinista, o ter ella excluido estas considerações de utilidade, que ainda permanecem incontestaveis no dominio da vida, da sua supremacia mystica. No caso presente, basta referir ao Gelasimo dos pantanos do mangue, que, partilha as mesmas condições de vida de varios Grapsoideos e, no entanto, á elles não se assemelha, mas sim aos areniculas *Ocypodas*.

CAPITULO VI

Estructura do coração nos Edriophthalmos

Apenas menos frisante do que exemplo dos carangueijos que respiram o ar, é a conducta do coração no grande grupo dos Edriophthalmos que, pode vantajosamente ser dividido, segundo o exemplo de Dana e Spence Bate, sómente em duas ordens, — os Amphipodes e os Isopodes.

Nos Amphipodes, aos quaes os naturalistas supra mencionados, referem correctamente os *Caprellideos* e *Cyamideos* (*Lamodipoda* de Latreille), o coração tem sempre a mesma sede; elle se estende na forma de um longo tubo, atravez dos seis segmentos seguintes á cabeça e tem tres pares de fendas, fornidas de valvas, para a entrada do sangue, situadas no segundo, terceiro e quarto desses segmentos.

Descobriu-se ser elle d'essa estructura, por La Vallete, em *Niphargus* e, por Claus, em *Phronima*; e eu o descobri, da mesma forma,

(1) Este *Gelasimus* menor é também notavel porque a mudança Chameleiforme das cores, exhibida por muitos carangueijos, é muito frisante n'elle. A carapaça de um macho que eu tenho agora deante de mim tinha a parte posterior brilhando de um branco deslumbrante, cinco minutos depois de eu tello capturado; e presentemente mostra, na mesma região, uma tinta cinzenta oscura.

em um consideravel numero de especies pertencentes ás mais diversas familias. (1)

A unica excepção e essa sem importancia que eu encontrei, é apresentada pelo genero *Brachyscelus*, (2) em que o coração possui sómente dous pares de fendas, pois que elle se projecta para frente só até o segundo segmento somatico; e é destituído do par de fendas situadas n'este segmento, nas outras formas. (3)

Considerando esta uniformidade apresentada pelo coração em toda a ordem dos Amphipodes, não póde deixar de parecer muito notavei que, nas ordens muito visinhas dos Isopodes, encontremol-o como um dos órgãos mais variaveis.

Nos Isopodes cheliferos (*Tanaís*) o coração se assemelha ao dos Amphipodes, tanto na sua forma alongada, tubular, como no numero e posição das fendas, com a differença porém, de que as duas fendas de cada par, não ficam oppostas directamente uma a outra.

Em todos os outros Isopodes o coração é recuado para o abdomen.

Nos Isopodes, admiravelmente deformados, parasitas das *Porcellanæ* (*Entoniscus porcellanæ*), o coração espherico da femea, acha-se confinado á um curto espaço do alongado primeiro segmento abdominal, e, parece possuir um unico par de fendas.

No macho de *Entoniscus cancrorum* (n. sp.), o coração (fig. 16) esta situado no ter-

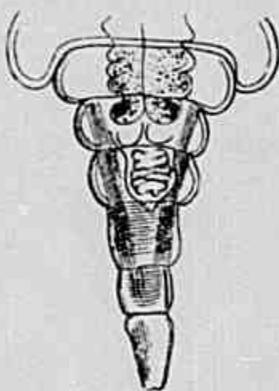


FIG. 16—Abdomen de um macho de *Entoniscus cancrorum*; H—coração, L—fígado.

Os animaes jovens no ovo, um pouco antes da eclosão, mostram-se, na regra, particularmente convenientes á observação das fendas cardiacas: são em geral sufficientemente transparentes, os movimentos do coração menos violentos do que n'um periodo ulterior e elles permanecem ainda mesmo sem a pressão do cobre-objecto. Considerando a opinião commum quanto á distribuição dos Amphipodes, isto é, que elles augmentam em multiplicitade para os pólos e, diminuem para o equador, póde parecer exquisto que eu falle de um numero consideravel de especies n'uma costa sub-tropical. Por isso, eu observei que em poucos mezes e sem examinar quaesquer profundidades inacessiveis da praia, eu obtive 28 especies diferentes, das quaes 34 novas, que, com as especies previamente conhecidas (principalmente descriptas por Dana), produzem 69 Amphipodes brasileiros, ao passo que Krøyer, no seu "Grønlands Amphipoder", conhecia só 28 especies, inclusive 2 Lamodipodes, dos mares arcticos; não obstante terem sido estes investigados por um muito maior numero de naturalistas.

[2] Segundo o methodo de Milne-Edwards as femneas d'esto genero pertenciam ás "Hyperinas ordinarias" e os machos previamente desconhecidos ás "Hyperinas anormaes", cujo caracter distinctivo, isto é, a curiosidade zigzagante antemna inferior, não passa de uma peculiaridade sexual dos machos. Systematisando sobre animaes mortos unicos, dos quaes se ignora o sexo, a idade, etc., erros semelhantes são inevitaveis. Assim, pretendo dar um outro exemplo de mal recente data: Um chithyologista celebre, Bleeker, distinguio ultimamente dous grupos de Cyprinodontes á seguir: Uns, os Cyprinodontini, têm a "pinna analis non elongata", e os outros, os Aplocheilini têm a "pinna analis elongata"; por ali a femea do abundante "Barrigudinho" pertenceria ao primeiro, e o macho ao segundo grupo.

Taes enganos, como os provados, são inevitaveis aos philosophos da "pelle-secca" e por isso desculpaveis; elles provam, contudo, a que modos desatinados pode chegar frequentemente a zoologia systematica, sem principios ou bases solidas; e quanto precisa ella da infallivel pedra de toque para avallar os differentes caracteres, que a theoria de Darwin promette fornecer.

[3] Encontro em Milne Edwards-Léçons sur la Physiol. et l'Anat. comp. III, pag. 197 a asserção de que, segundo Frey e Leuckart, o coração de *Caprella linearis* possui cinco pares de fendas. Examinei jovens *Caprellas* perfectamente transparentes (provavelmente os jovens de *Caprella attenuata*, Dana, com a qual elles occorriam), só podendo encontrar os tres pares communs.

ceiro segmento abdominal. Nas *Cassidinas*, o coração (fig. 14) é egualmente curto e provido



FIG. 14—Coração de uma joven *Cassidina*.

de dous pares de fendas, situadas no ultimo segmento do thorax e primeiro segmento do abdomen. Finalmente, n'um joven *Anilocra*, encontro o coração (fig. 15) projectando-se atravez de toda a extensão do abdomen e provido de 4 (ou 5?) fendas, que não são collocadas aos pares, mas ulteriormente, n'um e n'outro lado, em segmentos successivos. Em outros animaes d'esta ordem que eu examinei passageiramente, não occorrerão, por certo, outras differenças.

Mas porque, em duas ordens tão estreitamente alliadas entre si, teriamos de encontrar uma tal constancia, e na outra tal variabilidade, de um mesmo e tão altamente importante órgão? Dos escolasticos não precisamos esperar explicação; elles ou declinarão de discutir o «por-que», como estranho á sua alçada, exterior aos limites da Historia Natural, ou procurarão resolver o importuno problema por meio d'uma sonora paraphrase dos factos, abundantemente apimentada com palavras gregas. Como infelizmente eu esqueci o meu grego, o segundo caminho, contornando a dificuldade, está fechado para mim; porém, como felizmente me reconheço, não entre os mestres colligados, mas, para usar da phrase do Barão de Liebig, entre os «digressores dos arrabaldes da Historia Natural», esta hesitação affectada dos escolasticos não pode me dissuadir de procurar uma resposta, que, na verdade, se apresenta por si propria, mais naturalmente do ponto de vista de Darwin.

Como não só os *Tanaides* (que razões noutro lugar exaradas—*Vide supra*—justificam o nosso modo de consideral-os como, particularmente, quasi fazendo parte dos Isopodes primitivos) e os Amphipodes, mas tambem os crustaceos Decapodes, possuem um coração com tres pares de fendas, essencialmente na mesma posição; e como a mesma posição desse vaso ocorre—*vide infra*—mesmo nos embryões do camarão Louva-Deus (*Squilla*), em que o coração do animal adulto, ou mesmo, como já mostrei n'outro lugar, o das larvas quando ainda longe da maturidade, se estende sob a forma de um longo tubo provido de numerosas aberturas, pelo abdomen á dentro;

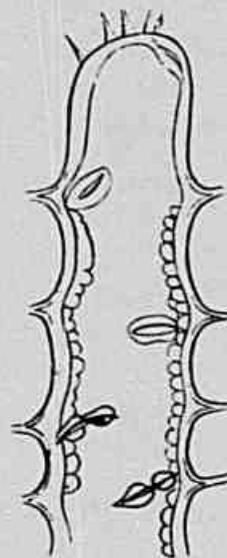


FIG. 15—Coração de uma joven *Anilocra*.

devemos, indubitavelmente, encarar o coração dos Amphipodes como a forma primitiva desse órgão, nos Edriophthalmos. Como, além disso, n'esses animaes o sangue flue dos órgãos respiratorios para o coração, sem vasos, é muito facil de ver, quão vantajosa lhes deve ser o terem esses órgãos o mais aproximadamente possível. Temos razão em considerar como primitivo modo de respiração, o que ocorre em *Tanais* (vide supra).

Agora, onde, tal como na maioria dos Iso-podes, as branchias se desenvolveram no abdomen, a séde e estructura do coração sofreram uma mudança, visto como elle se aproximava dellas mais estreitamente, mas, sem a reproducção de um plano commum á estes primitivos modos de estructura, ou porque esta transformação do coração deu-se sómente depois da divisão da forma primaria em grupos subordinados, ou porque, ao menos na epocha d'essa divisão, o coração variante não se havia fixado em qualquer forma nova. Onde, ao contrario, a respiração permaneceu na parte anterior do corpo,—quer no primitivo feitio de Zoea, como em *Tanais*, quer pelo desenvolvimento de branchias sobre o thorax, como nos Amphipodes,—a forma primitiva do coração foi herdada intacta, porque quaesquer variações que pudessem affectar a sua apparencia, seriam mais depressa nocivas do que vantajosas, e desapareceriam, de novo, immediatamente.

Eu fecho esta serie de exemplos isolados com observação que, realmente, uma só em parte pertence á alçada dos crustaceos, aos quaes deviam ser consagradas estas paginas; e que tambem nenhuma outra connexão tem com as circumstancias precedentes, além de ser um «facto intelligivel e elucidativo», sómente do ponto de vista da theoria de Darwin. Hoje, estando eu abrindo um exemplar de *Lepas anatifera*, afim de comparar o animal com a descripção na «Monographia da sub-classe Cirripedia» de Darwin, encontrei na concha d'esse Cirripede, um Annelido rubro-sanguineo, com o corpo curto, chato, de cerca de meia pollegada de comprimento e duas linhas de largura, com 25 segmentos somaticos e, sem tuberculos setigeros proeminentes ou fachos de cirros. O pequeno lobo cephalico trazia 4 olhos e 5 tentaculos; cada segmento do corpo tinha, em cada lado, na margem, um facho de cerdas simples, dirigidas obliquamente para cima, e, á alguma distancia deste, sobre a face ventral, um grupo de cerdas mais espessas, com o apice bidentado fortemente unciado.

Havia acima de cada um dos tufos lateraes de cerdas uma branchia, simples em al-

guns poucos segmentos anteriores, e depois fortemente arborescentes, até o extremo posterior do corpo. O animal, uma femea carregada de ovos, evidentemente, por esses caracteres, pertence á familia dos Amphinomideos, cujos membros, excellentes nadadores, vivem no mar alto.

Que este animal não se tinha desgarrado accidentalmente para dentro do *Lepas*, mas lhe pertencia como hospede regular e permanente, provam-n'o o seu tamanho consideravel em relação á estreita entrada do revestimento do *Lepas*, a ausencia completa da iridescencia que, na regra, distingue a pelle dos Annelidos livres e especialmente dos Amphinomideos, a formação e séde das cerdas inferiores, etc. Porém, que um verme pertencente á esta familia particular de Amphinomideos que vivem no alto mar, occorra como um hospede de *Lepas*, que tambem fluctua no mar, incrustado a qualquer pedaço de pão, etc., é de prompto, comprehensivel do ponto de vista da theoria de Darwin, emquanto que as relações deste parasita para com os vermes que vivem livremente no mar, ao largo, ficam perfeitamente incompreensíveis, sob a hypothese de que elle fôra creado independentemente, para morar no *Lepas*.

Porém, por mais favoraveis que sejam á Darwin os exemplos até aqui referidos, pode-se levantar contra elles, e com justiça, a objecção de que sejam factos isolados, que, quando as considerações baseadas sobre elles se afastem do que se dá immediatamente, só poderão, com a maxima facilidade nos desviar do verdadeiro caminho, com o fallaz lampejo de um *ignis fatuus*.

Quanto mais alto o edificio tiver de ser elevado, tanto mais ampla deverá ser a sua base, em factos bem analysados.

Voltemo-nos, então, para um campo mais vasto, o da historia evolutiva dos crustaceos, sobre a qual a sciencia já reunio uma variada copia de factos notaveis, que, comtudo, ficaram em infecundo accumululo de material impraticavel e crú; e vejamos como, sob as mãos de Darwin, essas pedras esparsas se unem para formar uma bem lançada estructura, em que cada cousa, esteio ou trave, acha o seu logar apropriado.

—Sob as mãos de Darwin!

Porque nada mais tenho á fazer do que collocar as pedras da construcção, justamente nos pontos que a sua theoria lhes marcar. «O que o capitão manda o marinheiro faz».

FRITZ MULLER.



BURITYSAES

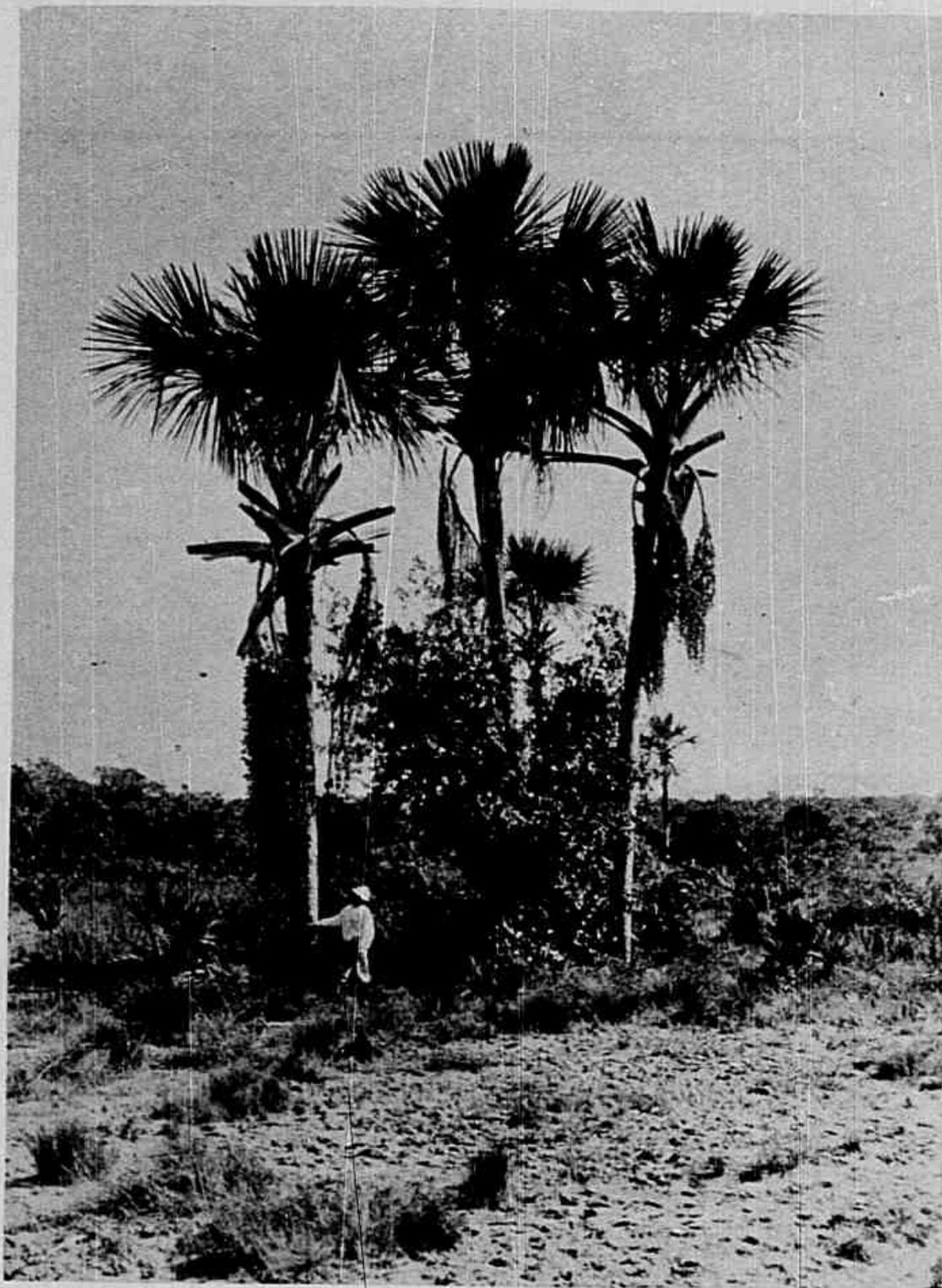
DENTRE as palmeiras mais interessantes do Brasil, cabe, porventura, a primazia ao Burity (*Mauritia vinifera*, Mart.)... «palmier du désert, à la fois si élégant et si util» no dizer preciso de A. de Saint-Hilaire, o celebre botanista francez que viajou vasta extensão do nosso paiz durante as segunda e terceira décadas do seculo passado.

Da preciosa palmeira característica do Brasil Central, representam as nossas gravuras specimens varios, inclusive da burityrana (*Mauritia armata*) — tambem chamada Caranã no norte de Goyaz, região onde esta especie ocorre com o burity, ambas denunciando por toda a parte correntes d'aguas crystalinas naquelles páramos longinquos.

O Burity representa no Brasil Central o mesmo papel economico da Carnaúba no Ceará e da Murity na região propriamente amazonica.

Quanto á sua destribuição





geographica e mais qualidades que a fizeram providencial no interior do Brasil, basta lêr as seguintes linhas devidas á pena de Taunay :

«A folhagem verde-escura da *mauritia*, abre-se como um leque, sustentado por longos peciolos alveolados e no topo de um estipéte liso e pardo-cento claro, no qual se notam os traços paralelos formados pelas quédas das semíamplexicaules da base dos peciolos.

Ao lado d'aquella formosa monocotyledonea, a macaúbeiar (*acroconia sclerocarpa*) parece acanhada e fica completamente offuscada: das palmeiras, cujas folhas são todas revestidas por foliolos, a unica que rivalisa em elegancia e altaneria é o *auaseu*, que os Guaicurús chamam *chatellôd*.

Do Burity extrahe-se um succo saccharino usado depois da fermentação, como bebida e do qual se pôde tirar excellente assucar, como o fez um official das forças. Os fructos dão em cumpridos cachos; são ovoides, com casca rija, amarello avermelhada, escura



e de brilho metálico, cobertos por escamas romboidaes que encobrem uma polpa saborosa. A amendoa acha-se n'uma loja monospermica. Em épocas de fome, essas palmeiras de muito serviram aos soldados que procuravam não só os côcos, em concurrencia com as Aráras, como em razão do miolo que chupavam com grande gosto. Os Buritys são sempre indícios de aguas nascendo só em logares humidos.

No caminho para Uberaba appareceram pela primeira vez, no pouso dos Buritys (a 80 leguas do littoral), proximidades do Rio Grande, divisa entre as provincias de S. Paulo e Minas. Desse ponto em diante, acompanham a trilha, que seguiram as forças, atravessando Minas, Goyaz e Matto-Grosso. Até o Rio Negro, a abundancia de Buritys é extrema; d'ahi por diante vão



se tornando menos frequentes, e, para os lados de Nioac e sul do districto de Miranda vêm-se os raramente.» (Taunay - *Expedição ao sul de Matto-Grosso.*)

De facto, é proverbial a utilidade da nossa palmeira no interior do Brasil: as folhas, largas e abertas em leques, dão excellente cobertura de casas, as mais novas, não desabrochadas, fornecem a preciosissima «sêda de burity», resistente, mui flexivel e que se presta mui especialmente ao fabrico de esteiras, de ponchos impermeaveis, conhecidos por caroças no sertão; a seiva dá o «vinho de palma», e os fructos dos seus gigantescos cachos, ás vezes 4 e 5 n'um só pé, servem para o fabrico

do doce chamado — *saiêta* —
cujas propriedades setimulan-
tes são já bastante conhecidas
até fóra dos limites do Brasil
Central.

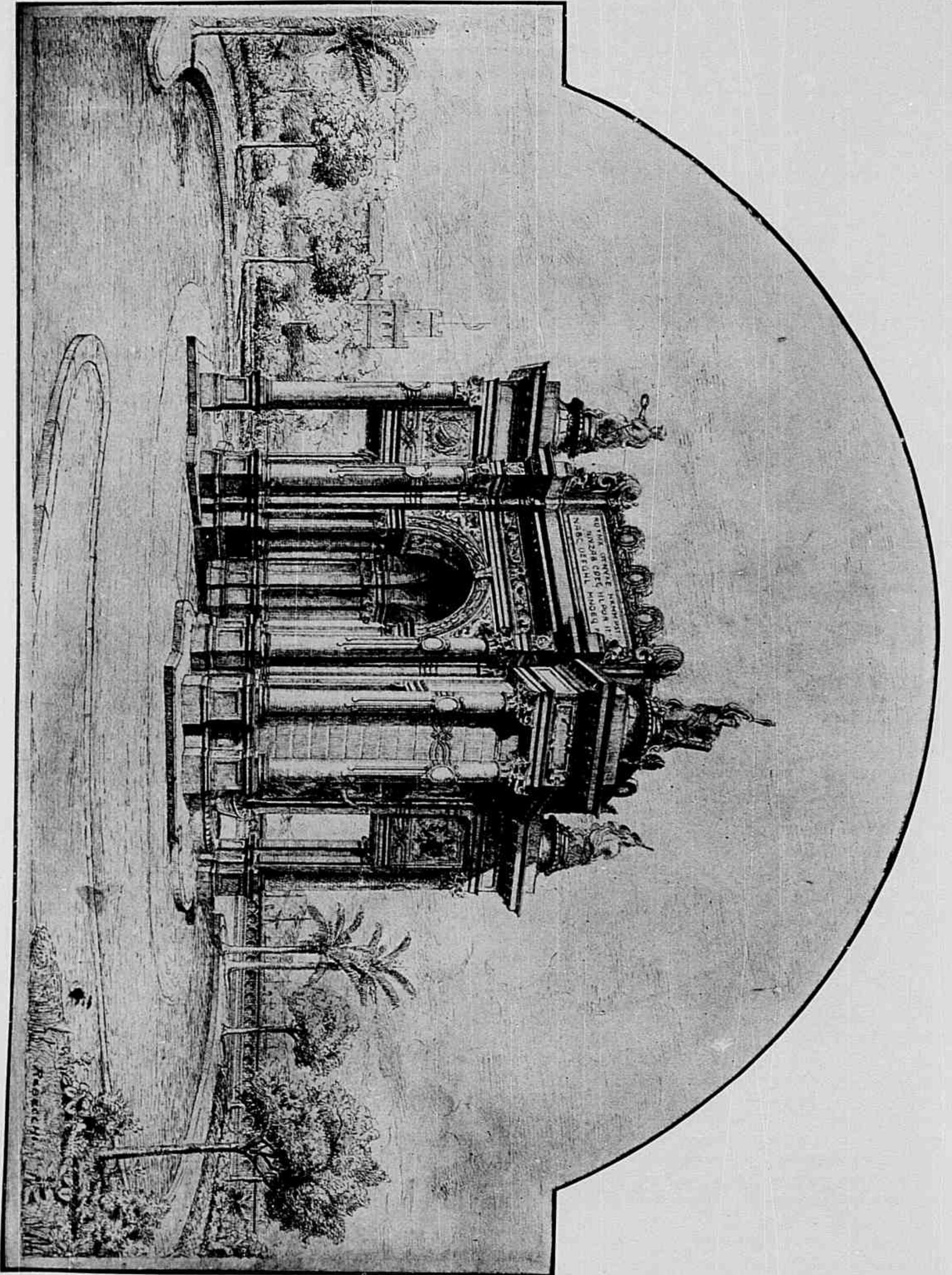


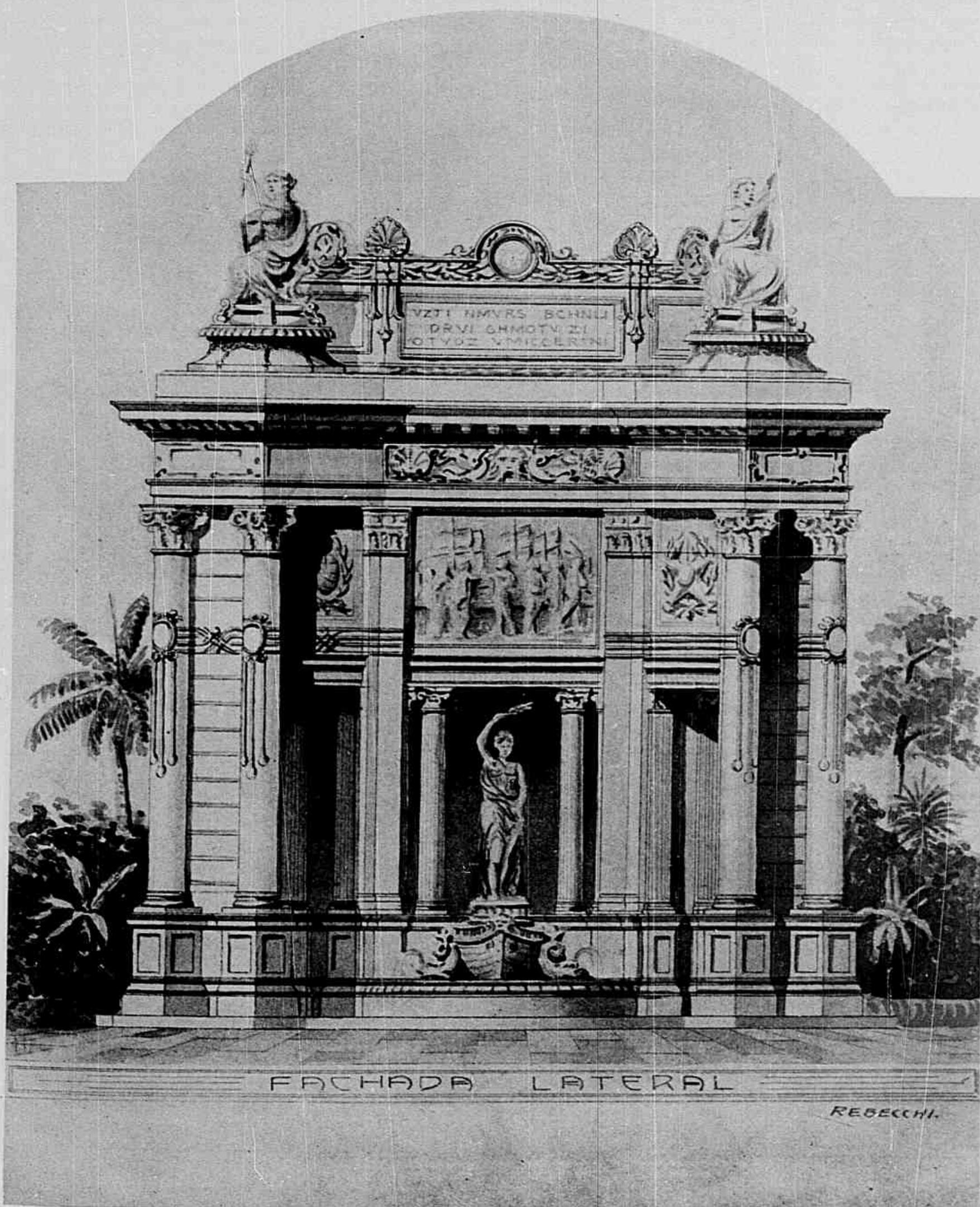
Si a *mauritia* vegetasse no
littoral do Brasil a sua fôrma
seria sem par, e não seria
aqui pela primeira vez, repro-
duzida graphicamente o seu
porte elegante, ora isolado, ora
orfmando *verêdas*.

HENRIQUE SILVA



PROJECTO DE ARCO COMMEMORATIVO DA ABERTURA DOS PORTOS DO BRAZIL.





PROJECTO DE ARCO COMMEMORATIVO DA ABERTURA DOS PORTOS DO BRAZIL



PROJECTO DE ARCO COMMEMORATIVO DA ABERTURA DOS PORTOS DO BRAZIL

A Equitativa

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A
† † VIDA — TERRESTRES E MARITIMOS † †

Apolices Sorteaveis em Dinheiro em Vida do Segurado

*Os sorteios d'esta classe de apolices tem lugar em 15 de Abril e
15 de Outubro de cada anno.*

A Equitativa tem sorteado, desde a instituição d'esta classe de
seguros, apolices no valor de Rs. 595:000\$00 pagos em dinheiro

A apolice de sorteio EM DINHEIRO, de
exclusiva invenção da A EQUITATIVA, é a ultima palavra em Seguro de Vida

TODOS OS SORTEIOS SÃO PUBLICOS

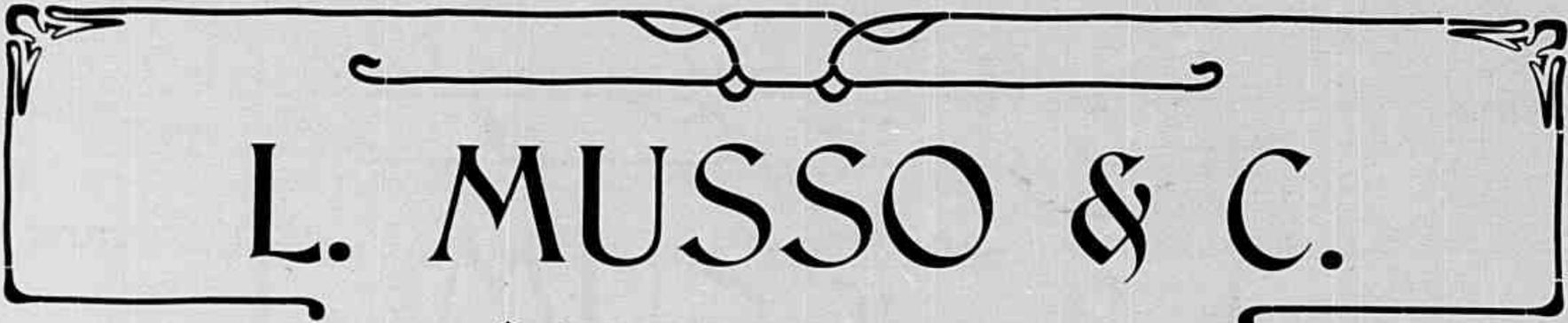
O proximo sorteio terá lugar a 15 de Outubro p. f.

TABELLAS E PROSPECTOS EM SUA SÉDE

125, Avenida Central, 125

RIO DE JANEIRO

E em suas agencias e filiaes em todos os Estados da União e na Europa



L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHOS

10 — Rua da Urugayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica
Retratos em côres (Monocromos)
de bellissimo effeito e inalteraveis.

COMPANHIA MINERVA

SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

DEPOSITO NO THESOURO FEDERAL — 200.000\$000

Rua 1.º de Março, 29 — RIO DE JANEIRO



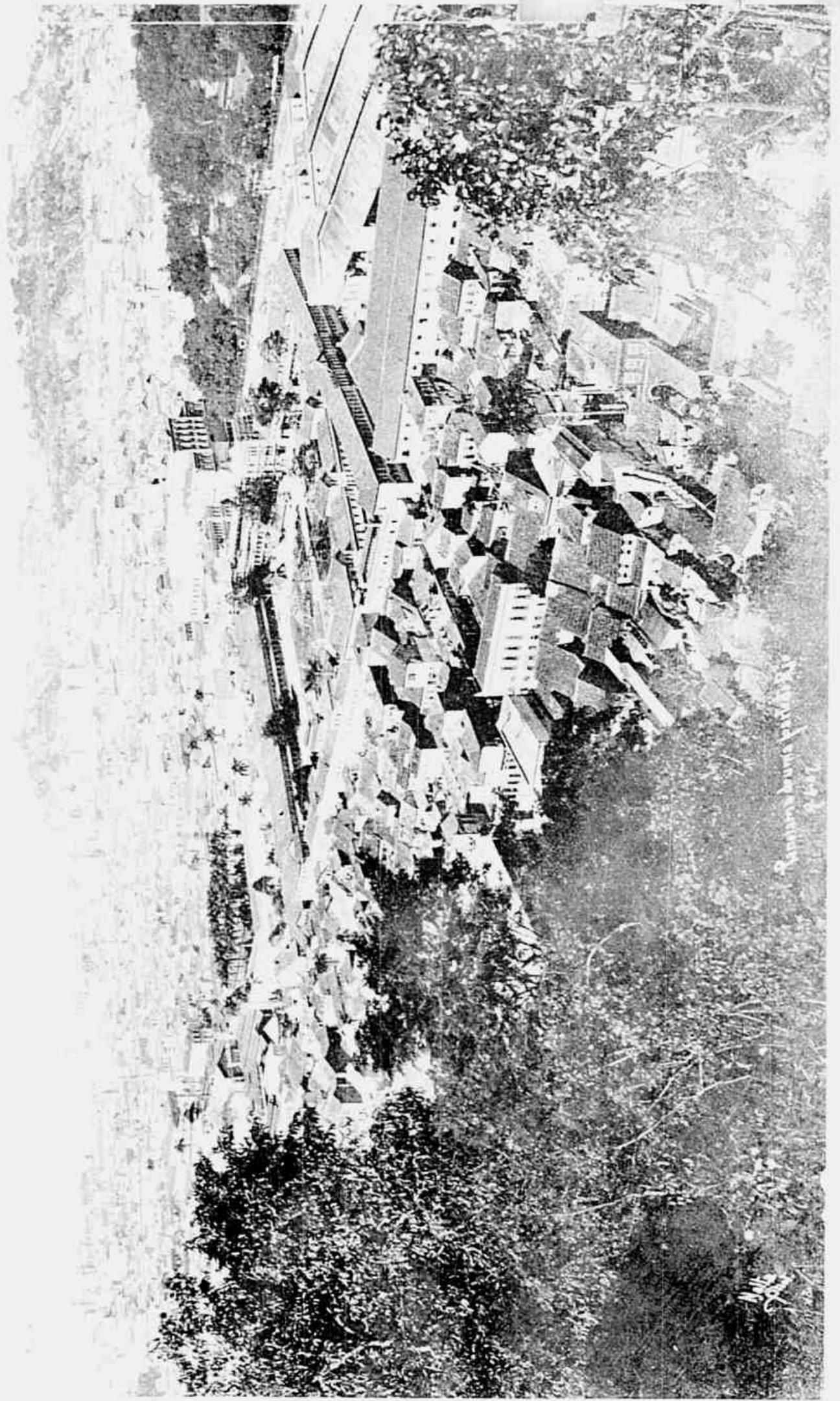
DIRECTORIA

Emilio do Amaral Ribeiro
Affonso Burlamaqui
Jacinto de Magalhães





MEDALHA DE OURO



San Francisco Bay, California



una delle più devastate zone